



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

JOSÉ CALASANS DE SOUSA JÚNIOR

**FASCISMO ALHEIO: ANÁLISE DOS USOS E SIGNIFICADOS DO
TERMO “FASCISTA” NOS PORTAIS DE VEJA E CARTA CAPITAL**

Salvador

2016

JOSÉ CALASANS DE SOUSA JÚNIOR

**FASCISMO ALHEIO: ANÁLISE DOS USOS E SIGNIFICADOS DO
TERMO “FASCISTA” NOS PORTAIS DE VEJA E CARTA CAPITAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação com habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação com habilitação em jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Giovandro Marcus Ferreira

Salvador

2016

A

José Calasans de Sousa Filho (1922 – 2008), meu falecido avô e padrinho, o primeiro mestre e amigo que tive — para a sociedade, foi um intelectual, professor de direito, jurista, pintor, poeta, fazendeiro, apicultor e maçom —, por dele ter herdado os seus honrosos nome e sangue, por ter também me inspirado a não ser mais um dos “medíocres”, além de ter sempre tentado me estimular à “sede do saber”, que infelizmente só vim a descobrir após sua ida ao desconhecido.

Dr. Enéas Ferreira Carneiro, José Mojica Marins, Dr. Robert Rey, Bruce Lee, Arnold Schwarzenegger e Roberto Gómez Bolaños, cujas as biografias, das mais variadas formas, inspiram-me todo o tempo, não só a nunca desistir de atingir o meu melhor e de realizar grandes feitos e assim eterno me tornar, mas também como buscar a perfeição, num aperfeiçoamento constante, para assim tudo poder conquistar em vida.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, a algo superior que inda me é de definição imprecisa, pois teria me permitido ser quem sou, viver o que vivi e chegar até aqui, tirando a parte dos meus próprios esforços, que vem logo em seguida.

À minha família, em terceiro, na figura materna de todo o sempre, dona Maryvone Sousa; na paterna e companheira, de José Calasans Neto; e na graciosa vinda da minha irmã caçula, Suellen Calasans, que encheu-me de um amor até então desconhecido.

Ao meu mais antigo amigo, Ian Cardin Leal, que há quatorze anos me suporta, ao mesmo tempo em que eu também o suporte, com seu estilo de vida niilista. Que teu nome fique aqui para a posteridade, pois jamais esquecerei as ajudas que me deste e as palavras que usaste, nem deixarei que esqueças de tudo o que fiz por ti.

A todos os meus outros amigos íntimos desde os tempos ginasiais, tanto aos que permaneceram em minha vida até os tempos atuais, quanto aos que afastaram-se, pois todos permitiram que eu tivesse com quem falar nos momentos difíceis e com quem rir nos bons. Se estarei só do primeiro ao último momento, graças a vocês, pude apaziguar um pouco das sensações que a constatação dessa verdade causa.

A todos os amigos que fiz na faculdade, com os quais pude compartilhar momentos tanto de diversão, dentro e fora do campus, quanto de reflexões proveitosas.

Ao recentemente falecido, Gabriel Fernandes, de quem mesmo eu me afastando bruscamente, continuou torcendo por mim, considerando-me um amigo até o seu último suspiro. Penso em eterniza-lo aqui, já que resolveu partir tão cedo e envolver-me com a sua derradeira decisão. Não fiz o que querias, mas prometo lembra-lo.

A todos os meus outros parentes, que permitiram-me ter um crescimento consideravelmente saudável, ressaltando dentre todos, o meu primo Nilson Marques Filho, que me aturou na adolescência como ninguém mais, creio eu.

Aos meus professores do Colégio da Polícia Militar e aos dessa faculdade, a alguns bem mais e a outros menos, apesar de todos terem sido úteis.

A Camilla Kateb, Evandro Botti, Ana Paula Santos, Rafael Tiago, Chico Ribeiro e Saville Alves, meus empregadores até aqui, pela oportunidade que me deram de experimentar um progressivo amadurecimento tanto pessoal quanto profissional.

Por fim, às dezenas de garotas pelas quais tive pequenas e grandes paixões, por terem me aparecido desde os dois anos de idade, dando-me essas experiências conturbadas, mas necessariamente humanas, e certas vezes até estimulantes.

SOUSA JÚNIOR, José Calasans. Fascismo alheio: análise dos usos e significados do termo “fascista” nos portais de Veja e Carta Capital. 71 p. 2016. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar quais os usos recorrentes que se faz do termo “fascista”, tanto num portal de esquerda quanto em um de direita; descobrir quais os significados recorrentes que dão para o mesmo nas suas publicações; analisar um pouco do debate entre os dois lados, sobre onde colocar o fascismo, se mais à esquerda ou se mais à direita; e chegar a alguma conclusão sobre o distanciamento do significado original do termo “fascista”, com os dados recolhidos sobre o quanto tem sido usado apenas como xingamento, estando assim vazio de maiores significados, distante dos fascistas e fascismos históricos. Baseia-se numa análise de conteúdo pautada pela tradição dos estudos de jornalismo comparado, com o intuito de oferecer uma contribuição científica à sociedade em geral e principalmente à discussão política atual, ideologicamente polarizada entre esquerda e direita. O corpus constitui-se por dois importantes portais digitais de notícias, Veja e Carta Capital. A pesquisa recorta um período de 26 meses, entre 1 de janeiro de 2014 e 27 de fevereiro de 2016, e considera apenas os artigos com predominância textual obtidos pela pesquisa do termo “fascista” nos mecanismos de busca de ambos os portais. A partir dos 162 artigos selecionados, com 102 artigos de Veja e 60 artigos de Carta Capital, divide e subdivide-os entre várias categorias.

Palavras-chave: Fascista. Fascismo. Veja. Carta Capital. Polarização política. Jornalismo digital. Esquerda. Direita. Reductio ad Hitlerum.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Incidência temporal dos resultados.....	18
Gráfico 2	Divisão inicial dos 162 artigos entre tipos de uso do termo “fascista”.....	20
Gráfico 3	Porcentagem de uso histórico e cotidiano do termo “fascista” em cada portal de notícia.....	21
Gráfico 4	Distribuição inicial dos 162 artigos, por veículo e por tipo de uso.....	22
Gráfico 5	Divisão em categorias dos 138 artigos com o uso cotidiano do termo “fascista”.....	25
Gráfico 6	Veja: porcentagem de aparição dos autores.....	50
Gráfico 7	Carta Capital: porcentagem de aparição dos autores...	51
Gráfico 8	Quantificação dos artigos de Veja, divididos pelos tipos de uso do termo “fascista”, separados por seus respectivos autores.....	52
Gráfico 9	Quantificação dos artigos de Carta Capital, divididos pelos tipos de uso do termo “fascista”, separados por seus respectivos autores.....	55
Gráfico 10	Discussões mais frequentes envolvendo o uso do termo “fascista”.....	58
Gráfico 11	Alvos recorrentes à atribuição de “fascista”, sem distinções (referência, citação, acusação ou comparação).....	60
Gráfico 12	Recorrências no uso acusativo do termo “fascista” em Veja.....	62
Gráfico 13	Recorrências no uso acusativo do termo “fascista” em Carta Capital.....	63

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	MOTIVAÇÃO E UTILIDADE NA DISCUSSÃO POLÍTICA ATUAL.....	7
1.2	METODOLOGIA ADOTADA NA ANÁLISE.....	14
1.2.1	Categorização pela recorrência e suas problemáticas	19
1.3	PANORAMA INICIAL DOS RESULTADOS ESTATÍSTICOS.....	20
2	TIPOS DE USO DO TERMO “FASCISTA”	23
2.1	DIVISÃO INICIAL ENTRE USO HISTÓRICO E DE USO COTIDIANO...	23
2.1.1	Isolamento dos casos de uso histórico	23
2.1.2	Divisão secundária entre os casos de uso cotidiano	24
2.1.3	Casos complexos de uso cotidiano com difícil categorização	27
2.2	USO COTIDIANO EM REFERÊNCIA ÀS ACUSAÇÕES RECEBIDAS..	29
2.3	USO COTIDIANO EM CITAÇÕES DE TERCEIROS.....	29
2.4	USO COTIDIANO COMO ACUSAÇÃO DIRETA.....	31
2.4.1	Reductio ad Hitlerum meio à polarização	35
2.5	USO COTIDIANO COMO ACUSAÇÃO COMPARATIVA.....	36
2.5.1	O fascismo da esquerda para a direita	37
2.5.2	O fascismo da direita para a esquerda	45
2.6	RECORRÊNCIAS DE AUTORES ENTRE OS ARTIGOS DA ANÁLISE.	50
2.6.1	Costumes dos autores de Veja	52
2.6.2	Costumes dos autores de Carta Capital	54
3	SIGNIFICADOS PARA O TERMO “FASCISTA”	58
3.1	DISCUSSÕES MAIS FREQUENTES COM O TERMO “FASCISTA”.....	58
3.1.1	Diversidade entre alvos do termo “fascista”	60
3.1.2	Alvos das acusações de “fascista” em Veja	61
3.1.3	Alvos das acusações de “fascista” em Carta Capital	63
4	CONCLUSÕES	64
	REFERÊNCIAS	70

1. INTRODUÇÃO

1.1 MOTIVAÇÃO E UTILIDADE NA DISCUSSÃO POLÍTICA ATUAL

Após a série de protestos decorridos, em todo o Brasil, ao longo do ano de 2013, em que uma maioria de jovens organizados pelo *Facebook* e similares, clamavam suas pautas generalistas e apartidárias de combate à corrupção, além de algumas reivindicações com clara inclinação à esquerda política (passe livre), toda a nação pôde perceber cristalina a politização crescente dessas novas gerações e a sua consequente capacidade em expressar insatisfação política, de forma a pressionar os governantes com grandes mobilizações. Dizia-se pelas ruas, é memorável a todos, que “*O gigante acordou!*”, junto aos “*Vem pra rua!*” e “*Amanhã vai ser maior!*”, numa demonstração clara de que seus participantes sentiam-se na vanguarda política, rompendo com toda uma suposta tradição de desinteresse político por parte do povo, de ausência da participação popular nos rumos políticos do país.

Embora fenômeno tão curioso, singular e de difícil catalogação, seu prosseguimento não se deu com a mesma intensidade e amplitude, quando no ano seguinte, marcado pelo acontecimento da Copa do Mundo FIFA no Brasil. E, passada esta, com seu final de mal estar nacional pela derrota da seleção brasileira para a alemã (placar de sete gols a um), iniciou-se o período eleitoral. Com ele, a politização juvenil que antes parecia ser uma mistura de todos ou quase todos os matizes ideológicos, mostrou-se extremamente polarizada em torno da disputa presidencial.

Por um dos lados dessa disputa pelo cargo máximo, tínhamos a **militância esquerdista favorável à reeleição da petista Dilma Rousseff**; por um outro, percebíamos os mais variados segmentos de oposição política, um antipetismo não tão bem definível em uma só categoria. Neste grupo mais heterogêneo em ideologia, além de rapazes e moças da classe média não tão politizada — muitos xingados de “*coxinhas*” —, mas insatisfeita com a crise econômica e os escândalos de corrupção envolvendo o *Partido dos Trabalhadores (PT)*, uniam-se ao coro “*Fora PT!*”, os opositores ideológicos do “*socialismo radicalmente democrático*” petista (ENCONTRO NACIONAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2014) — talvez aqui se encaixe o “bolivariano”, como vejo classificarem alguns dentre eles e também dentre seus opositores —, vindos de posições mais à direita do espectro político: **neoliberais** (socialdemocratas, ou logo “tucanos”), **libertários** (ditos “minarquistas”), **conservadores, militaristas** (intervencionistas) e **monarquistas**, basicamente.

Posto isso, evidencia-se em pleno e radical crescimento, desde 2014, a polarização política da juventude. Segmentação notória pelos vários desfazimentos de amizades, pelas rivalidades políticas e suas intermináveis discussões que partem para o lado pessoal, pois internalizam-se a ponto de ficarem divididos em nichos os **jovens politizados** — foco-me no contexto destes, para fundamentar a utilidade de minha análise, mas devo advertir que uso o termo no sentido dos que se interessam por política e são idealistas em algum sentido, não necessariamente os politicamente ativos, filiados a partidos, etc.

Estabelecendo-se segmentos, é consequência inevitável do mercado editorial e jornalístico adotá-los e tratar de supri-los, todavia, devo notar, obstante a isso, que não há apenas essa linearidade de que um produto, ainda que jornalístico, existe para atender a algo pré-existente, mas também que o mesmo pode acabar alimentando mais e mais a segmentação do tipo, muito além do que cenário anterior à sua interferência. Pode, quem sabe, até mesmo criar a tal dependência, que é quase um vício específico de um grupo, em alguns casos. Tendência essa tão possível, que se assemelha à real situação do mercado mundial na contemporaneidade, onde uma indústria não apenas atende à demanda dos seus consumidores com um novo produto, mas também desenvolve neles, por meio da publicidade, o desejo por essa “novidade” que se supõe criada para suprir uma necessidade ainda não atendida, quando, em verdade, é ela quem cria a dependência, portanto falsa, e então lucra com a mesma, sem que houvesse de fato necessidade pelo produto inventado.

Mas, considerando-se a primeira hipótese, de que o mercado supre uma demanda originalmente polarizada, ao invés de estimular a polarização por si, é certo que isso terminará por favorecer o interesse de muito destes leitores politizados e já polarizados, pela exclusiva leitura de portais de notícias e artigos de opinião identificados com seus ideais — herméticos, ao que tudo indica. Assim sendo, amplia-se a probabilidade dos acontecimentos de sua época só lhe serem apresentados sob a perspectiva político-ideológica com a qual mais se identificam, ocasionando não só uma leitura restrita, mas uma incompreensão do contraditório, seja por ignorância, seja por mera intolerância de sentimento maniqueísta. Encontrei, ao longo destes anos de faculdade, colegas de esquerda que não entendiam nada de liberalismo, por exemplo, mas que demonizavam o mesmo sem sequer terem lido seus argumentos, fazendo ainda uma leitura exagerada das prováveis personalidades e condições

socioeconômicas dos seus defensores. Preconceito e redução similar encontrei também entre os direitistas que conheci, com notável soberba e generalização, viam todos de esquerda como desonestos, burros e até mesmo doentes.

Nesse contexto, certas vezes até dentro da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e mesmo entre meus colegas da Faculdade de Comunicação (FACOM), é que fui chamado de comunista por vários liberais, quando enalteci a importância do Estado e critiquei certas questões do mercado ou alguma política americana; ao mesmo tempo, quando em contato com defensores do Partido dos Trabalhadores e marxistas não tão bem assumidos, não faltaram-me as associações — bem humoradas, diga-se, mas não menos acusativas, pelo peso que carregam — com o **fascismo**, tão somente por não ser nem petista, nem mesmo marxista. **Que diabos entenderiam por fascista, afinal?** — foi o que pensei por muito tempo, já que entre direitistas há o consenso do fascismo como pertencente à extrema-esquerda, formando assim um cenário em que um lado empurra o fascismo para o outro. “Todos têm certeza de que sabem o que o fascismo é.” (PAXTON, 2007, p. 23)

E, tomando novamente como fenômeno referencial as manifestações políticas — não refiro-me apenas às de 2013, mas também às posteriores, envolvendo o impeachment de Dilma Rousseff —, delimitando aí um inevitável corpus mais político ainda que jornalístico, é que optei, já de início, por realizar uma análise de conteúdo aplicada aos portais digitais, não aos veículos impressos, como exemplificavam os livros que tomo como referência (KIENTZ, 1973; MELO, 1972). Explicando melhor, essa escolha deve-se ao fato concreto de que estes jovens manifestantes, logo “jovens politizados”, se organizados pelas redes como *Facebook*, também estariam bem mais sujeitos à instantaneidade das informações oriundas destes portais de notícias correspondentes aos ideários seus e de seus amigos, seus “companheiros de luta”, visto que manchetes destes circulam em demasia pelas suas respectivas *timelines*, compartilhadas tanto por amigos quanto pelas páginas seguidas.

Assim percebida a existência dessas opções de jornalismo mais opinativo, perderia muito em relevância de minha monografia se, à escolha dos *media* — acostumei-me ao uso do termo em inglês tal como Kientz (1973) — me limitasse aos menos relevantes entre esses jovens mais polarizados. Não que eu, de minha limitada posição, possa afirmar como fato, inda mais no rigor científico que este ambiente exige, que um determinado grupo só leia esse ou aquele outro portal de notícias, e

que nunca preferiram pelas exposições dos pretensamente mais “neutros”, a exemplo, *Folha de São Paulo, Estadão, UOL, G1, etc.*, mas pelo contato que tive com ambos os segmentos que consideravelmente destrinchei, concluo, sim, que há essa preferência em proporção consideravelmente alta.

Decidido a fazer uma análise de conteúdo em portais de notícias, sabendo que iria priorizar pelo jornalismo comparado (MELO, 1972), justamente para contrastar os dois extremos no jornalismo digital, tive de enfim escolher o corpus desta, já conjecturando as possibilidades a abordar, ganhando entre elas os sentidos variantes do fascismo e suas possíveis distorções com fins políticos. Então, averiguando entre colegas e pela própria internet, cheguei à conclusão que, se *o assunto central é a população polarizada em torno do governo do Partido dos Trabalhadores, no contra ou a favor, logo também entre termos um governo mais à esquerda ou mais à direita*, teria de optar pelos mais assumidamente de um lado e de outro: à direita, na oposição ao governo Partido dos Trabalhadores, teria como opções sites como o de *Veja, Mises Brasil, Mídia Sem Máscara, Spotniks, O Antagonista e Ceticismo Político*; à esquerda, os mais favoráveis ao PT, mesmo que em partes, seriam *Carta Capital, Caros Amigos, Socialista Morena, Blog do Sakamoto e Catraca Livre* — mais uma vez, saliento que não é uma “verdade” afirmada por mim aleatoriamente, mas a mera constatação de um senso comum entre justamente as pessoas de que falo, pois indaguei-as para tal seleção, fossem colegas da FACOM ou da UFBA em geral, fossem colegas do estágio no Grupo A Tarde, ou até mesmo amigos que faço pela internet — todos estes jovens.

Como addendum, já que citados e ainda vezes mais citados serão os termos “esquerda” e “direita” como categorias bem definíveis, faz-se necessário, por consequência, trazer à luz da análise científica alguma definição respaldada do que sejam esses dois lados tão amplamente discutidos, tanto em relação a essa questão de como defini-los, quanto se ainda justifica-se que consideremos esquerda-direita como uma díade real. Para isso, vejamos a obra de Norberto Bobbio, em que defende haver, sim, contra o descrédito de muitos intelectuais, e mesmo com o fim da União Soviética, a presença real dessa dualidade. E, segundo o próprio, a razão principal pela qual a clássica díade foi posta em discussão dá-se pelo fato de que:

Os dois termos de uma díade governam-se um ao outro: onde não há direita não há mais esquerda, e vice-versa. Dito de outro modo, existe uma direita na medida em que existe uma esquerda, existe uma esquerda na medida em que existe uma direita. Em consequência,

para tornar irrelevante a distinção, não é necessário demonstrar, como vimos até aqui, a inoportunidade dela (é inútil continuar a dividir o universo político com base no critério das ideologias contrapostas, se não existem mais ideologias); a sua imperfeição (é insuficiente dividir o campo político em dois pólos, uma vez constatado que existe também um terceiro pólo, não importa se intermediário ou superior); ou o seu anacronismo (entraram na cena política programas, problemas, movimentos que não existiam quando a díade nasceu e pôde desempenhar um útil papel). Basta desautorizar um dos dois termos, não lhe reconhecendo mais nenhum direito à existência; se tudo é esquerda, não há mais direita e, reciprocamente, se tudo é direita, não há mais esquerda. (BOBBIO, 1995, p. 43)

Por mais que o autor recuse-se a aceitar uma invalidez, por muitos defendida, dessa possibilidade de “ou-ou”, em relação à díade esquerda-direita, e ainda que ele também não veja o fascismo como o próprio se vê, deixando então a ele o título de “extrema-direita”, como logo veremos, há em seu livro uma conjectura sobre a existência de uma terceira posição política, em que poder-se-ia incluir o fascismo italiano e o nacional-socialismo alemão, por consequência, posto que haveria...

[...] entre direita e esquerda um espaço intermediário, que não é nem de direita nem de esquerda, mas está entre uma e outra, pode ser denominada de Terceiro incluído. No primeiro caso, os dois termos, que mantêm entre si uma relação de “ou-ou”, dizem-se contraditórios; no segundo caso, em que existe um espaço intermediário simbolizado pela fórmula “nem-nem”, dizem-se contrários. Nada de estranho: entre o branco e o preto pode existir o cinza; entre o dia e a noite há o crepúsculo. Mas o cinza não elimina a diferença entre o branco e o preto, nem o crepúsculo elimina a diferença entre a noite e o dia. (BOBBIO, 1995, p. 36)

Apesar dessa hipótese de que não há apenas um e outro puramente, já quase no fim da obra, o autor procura ele mesmo precisar o que considera como boas definições desses vários “tons do espectro político”, posso assim dizer, mostrando que ele também não considera essa díade de forma assim tão restritiva, como apenas havendo esquerda e direita e nada mais. No entanto, sua forma de classifica-las é tomando a ideia de que existem as duas com um centro em comum e seus extremos. Para formar esse tipo de divisão, norteia-se não só pela “díade igualdade-desigualdade”, de onde nascem, segundo diz, “doutrinas e movimentos igualitários e inigualitários”, mas também pela “díade liberdade-autoridade”, de onde derivariam “doutrinas e movimentos libertários e autoritários”. (BOBBIO, 1995, p. 117). Assim, ele termina por classificar de tal forma que considero pertinente aqui expor e tomar como referência, mas à qual não me apegarei completamente, visto que também considerarei como hipótese ser o fascismo uma terceira posição, como alguns

acadêmicos deram a entender, bem como também considerei, para melhor ilustrar o cenário político atual do país, a autoclassificação desses próprios grupos politizados.

- a) na extrema esquerda estão os movimentos simultaneamente igualitários e autoritários, dos quais o jacobinismo é o exemplo histórico mais importante, a ponto de se ter tornado uma abstrata categoria aplicável, e efetivamente aplicada, a períodos e situações históricas diversas;
- b) no centro-esquerda, doutrinas e movimentos simultaneamente igualitários e libertários, para os quais podemos empregar hoje a expressão “socialismo liberal”, nela compreendendo todos os partidos social-democratas, em que pesem suas diferentes práxis políticas;
- c) o centro-direita, doutrinas e movimentos simultaneamente libertários e inigualitários, entre os quais se inserem os partidos conservadores, que se distinguem das direitas reacionárias por sua fidelidade ao método democrático, mas que, com respeito ao ideal da igualdade, se prendem à igualdade diante da lei, que implica unicamente o dever por parte do juiz de aplicar imparcialmente as leis, e à liberdade idêntica, que caracteriza aquilo que chamei de igualitarismo mínimo;
- d) na extrema-direita, doutrinas e movimentos antiliberais e anti-igualitários, dos quais creio supérfluo indicar exemplos históricos bem conhecidos como o fascismo e o nazismo. (BOBBIO, 1995, p. 119)

Pode-se dizer, após bem avaliada essa divisão em quatro, que é mais do que provável estar o editorial de Carta Capital no centro-esquerda, enquanto o de Veja no centro-direita. Assim, concluo já desde agora, que não estão nenhum dos dois aparentando tendências aos extremos dos seus lados, de modo que isso também termina por reforçar o equívoco duma “**cegueira ideológica**” em relação ao adversário político, que favorece o fenômeno aqui destrinchado do *uso do termo “fascista” para desqualificar o contraditório*, assim associando-o a tudo o que não é democrático. Portanto, ao negar-lhe, em ato intolerante sutil, a possibilidade de contradizer sua perspectiva, assim contribui para que, da tese e antítese, não tenhamos uma síntese mais útil, não só na esfera de deliberação pública, como também no debate acadêmico e nas discussões da imprensa e do cotidiano.

A partir daí, ao analisar a relevância de cada uma das opções de portais politicamente viesados, nutridores e aproveitadores da polarização acentuada, termino decidindo-me a tomar como critério a popularidade, contabilizada através do número de acessos de cada um. Esse tipo de aferição deixei a cargo do site *Alexa.com*, especialista em *rankings* do tipo a nível global. Através dele, pude constatar o já suposto: **Veja e Carta Capital** me seriam os mais relevantes. Atualizando as informações, para o dia 18 de setembro de 2016, a fim de mostrar um cenário inda inalterado, afirmo que o site **abril.com.br**, no *ranking* já citado,

encontrava-se na posição 917 (*mundial*) e em 20º no *ranking brasileiro*; 89,4% de seus visitantes o acessam do Brasil; dos seus vários subdomínios, 31,41% do total se direcionam ao de *Veja* (**veja.abril.com.br**), o objeto isolado. Já o site **cartacapital.com.br**, por sua vez, tem bem menos acesso, com a posição 35.416 do *ranking mundial* e 861 do *ranking nacional*; 92,6% de seus visitantes acessam do Brasil; e, curiosamente, a segunda e terceira palavras-chave que mais levam ao site, nos buscadores, é *revista veja* e *veja*, respectivamente 5,27% e 5,17% das pesquisas, só perdendo, obviamente, para *carta capital*, com 10,56% do total de pesquisas. A mesma averiguação, quando feita com os outros sites, revelava resultados bem menores, de modo que a escolha foi mesmo essa.

Explicado o “itinerário mental”, não tão claro em realidade, de como cheguei até este ponto, devo explicar mais sobre o que me fez crer que os *tipos de uso e significados do termo “fascista” em Veja e Carta Capital* seriam um grande tema para concluir minha graduação de forma honrosa.

Há muito que noto uma questão intrigante, comum a ambos os lados, da esquerda à direita, com as suas variantes todas incluídas: *o fenômeno da não aceitação do fascismo como exemplar do seu espectro político, conseqüentemente rotulando-o como o seu extremo oposto*. Há, sim, uma discussão séria, acadêmica, sobre como posicioná-lo e caracterizá-lo, com a problemática de uma definição única para os vários fascismos (PAXTON, 2007), mas penso que em parte se deva, no caso da discussão política mais pueril, à simples fuga de se ser associado a um posicionamento “politicamente incorreto”, por assim dizer, já que é muito utilizado como xingamento, talvez até mais do que como referência aos movimentos políticos e governos ao qual o termo se refere — note-se que *este é o objetivo primordial de minha análise*, vez que busco a resposta para essa suposição, por meio das recorrências em representantes desses “**polos do jornalismo digital**”. Até porque, considerando como subculturas os “universos” de significados dos esquerdistas e dos direitistas, a análise proposta acaba por conciliar-se com a percepção de Albert Kientz, ainda nos anos 1970, sobre a tendência de “*culturanálise*” da análise de conteúdo — método científico por mim adotado:

[...] elas são [as mensagens dos media], simultaneamente, o espelho onde se reflete a cultura de um país e de uma época, e o cadinho, a matriz em que essa mesma cultura se forma e transforma. Com efeito, toda a mensagem é um reflexo do estado daquele que a emite e um

meio que permite atuar sobre aquele que a recebe, influenciá-lo. As mensagens dos **media** são, simultaneamente, a expressão de uma cultura e o instrumento que a modelo. (1973, p. 116)

Então, meio a essa troca de acusações, na qual o “fascista” é sempre o outro, nunca o seu lado ou você, mas, sim, o extremo oposto do seu espectro político — note-se que, fora da discussão intelectual, jamais vê-se classificações que fujam dos manjados “extrema-direita” ou “extrema-esquerda” —, que ousou adentrar cientificamente, no intuito de contribuir para uma análise do termo usado.

Vislumbro uma reflexão no âmbito científico e político que o considere como um fenômeno à parte, menos um palavrão que um termo político-científico. Não só acho que isso seja positivo, mas **essencial**. E penso que não haveria melhor corpus, para averiguação de indícios, que os dois portais escolhidos, pois em páginas menores poder-se-ia encontrar amadorismo e extremismos, falta de credibilidade e de relevância para deles concluir-se algo que remeta, ao menos um pouco, à ideia já citada de *culturanálise*. Em suma, analiso aqui *como determinada definição própria de um fenômeno por parte de um grupo político, quando reforçada ad nauseam pelos jornalistas ligados a este, pode legitimar interpretações para os seus leitores, assim impossibilitando qualquer esclarecimento de seu significado original*. O resultado disso é um “fascista” como qualquer coisa que se queira, pobre de significado; por consequência, ao dispor de qualquer dedo em riste. Daí o nome “**fascismo alheio**”.

1.2. METODOLOGIA ADOTADA NA ANÁLISE

Para esta monografia, na sua finalidade de servir como derradeiro trabalho de um bacharelado em comunicação com ênfase no jornalismo, optei por realizar uma análise de conteúdo voltada à comunicação de massa, metodologia com muitas décadas de existência (KIENTZ, 1973); pauto-me ainda por uma tradição específica dentro dela, os estudos de jornalismo comparado (MELO, 1972).

Por meio da análise de todas as aparições de um único termo (**fascista**) — optei por este termo e não por “fascismo”, apenas porque me pareceu mais provável encontrar resultados de maior pertinência com a *questão central do uso cotidiano do termo “fascista” em acusações depreciativas, ao invés de servir como mera referência aos adeptos do fascismo italiano ou do nacional-socialismo alemão* —, durante um grande período de tempo, em ambos os portais, creio que se consegue uma análise

mais precisa e minuciosa, permitindo maiores conclusões. Sem contar que esta etapa é essencial:

Operada uma primeira seleção relativamente aos títulos, uma segunda seleção a respeito do número e datas de publicação dos exemplares que vão ser retidos para cada título, ainda é necessário, por vezes, realizar uma terceira seleção no tocante aos conteúdos pertinentes à análise, no interior de cada exemplar. (KIENTZ, 1973, p. 163)

Sim, ao realizar esta análise, *foquei-me não tanto nos autores dos textos, nos textos isoladamente e em seus contextos específicos, mas como cada um deles contribuem para a formação de um imaginário coletivo, de um senso comum entre os seus autores e leitores. A minha intenção foi perscrutar os dois portais, ao longo de dois anos, com um foco específico, mas considerando a posição política editorial de forma geral. Desse modo, em todas as ocasiões, considereei Veja sempre à direita, favorável aos representantes desta, incluindo os opositores ao Partido dos Trabalhadores; e considereei Carta Capital sempre à esquerda, favorável aos representantes desta, incluindo aí os integrantes do Partido dos Trabalhadores.*

A análise das mensagens que são difundidas pelos **media** permite, entretanto, apurar com exatidão as atitudes, as tendências e, em última análise, o espírito que caracteriza o jornal, a emissora de rádio ou a rede de televisão. (KIENTZ, 1973, p. 58)

Do mesmo autor, há uma reflexão que reforça bem mais as pretensões que dou à monografia, posto que se consegue, por meio da análise de conteúdo, expor considerações sobre a ideologia assumida pelo veículo midiático, que nesse caso contemporâneo, trata-se de um portal de notícias digital:

A maioria das aplicações que a psicologia e as ciências políticas fizeram da análise de conteúdo visa à obtenção de informações sobre a fonte da qual promanam as mensagens analisadas e isso numa dupla direção. Como sublinhou Ithiel de Sola Pool, toda a comunicação apresenta, com efeito, um duplo aspecto: de uma parte, um aspecto “representacional”, isto é, a personalidade, os estados afetivos e a ideologia do seu autor exprimem-se na comunicação, mesmo à sua revelia; por outra parte, um aspecto “instrumental”, o que significa que ela serve de instrumento para agir sobre o receptor, de meio para influenciá-lo. A parte respectiva desses dois aspectos é muito variável. Um diário íntimo é essencialmente “representacional”, revelador daquele que lhe confia os pensamentos secretos. A publicidade, pelo contrário, é de nítido predomínio “instrumental”. (KIENTZ, 1973, p. 57)

Sendo assim, deixo claro que **o foco desta monografia** não é apenas o aspecto “instrumental” da comunicação emitida pelos editores de Veja e Carta Capital através de seus textos, nem tampouco “representacional” somente, mas a junção de ambos

em mensagens de dupla função: uma *leitura político-panfletária* que é também um *texto informativo enviesado*, por assim dizer. Pois percebe-se aí que compreendo justamente o fato de que esse tipo de conteúdo não expressa, objetivamente, uma vontade exclusivamente publicitária — não creio que Veja e Carta Capital estejam interessados em necessariamente converter politicamente alguém, pois se existem num mercado, existem provavelmente para atenderem aos nichos dos já “convertidos”, mas também não desconsidero que podem estimular uma retroalimentação da polarização, acentuando-a —, como também não irá a todo tempo mostrar-se tendencioso em todos os sentidos, como se nada de seus textos pudesse ser visto como um jornalismo intencionado a ser imparcial. Mais uma vez, reitero como são Veja e Carta Capital as melhores opções para análise do tipo, já que suas parcialidades, apesar de explícitas, têm um limite democrata, fazendo com que, das possibilidades listadas, fossem as mais acessadas.

Esta análise de conteúdo comparado, aplicada ao jornalismo digital politicamente polarizado, foi executada com a pesquisa inicial do termo **fascista**, finalizada às 16h do dia 27 de fevereiro de 2016, pelos mecanismos de busca de ambos os portais. Resultante desta, em **veja.abril.com.br**, foram encontrados **2.065 resultados** (em número de artigos); em **cartacapital.com.br**, uma quantidade muito inferior, **177 resultados** (em número de artigos).

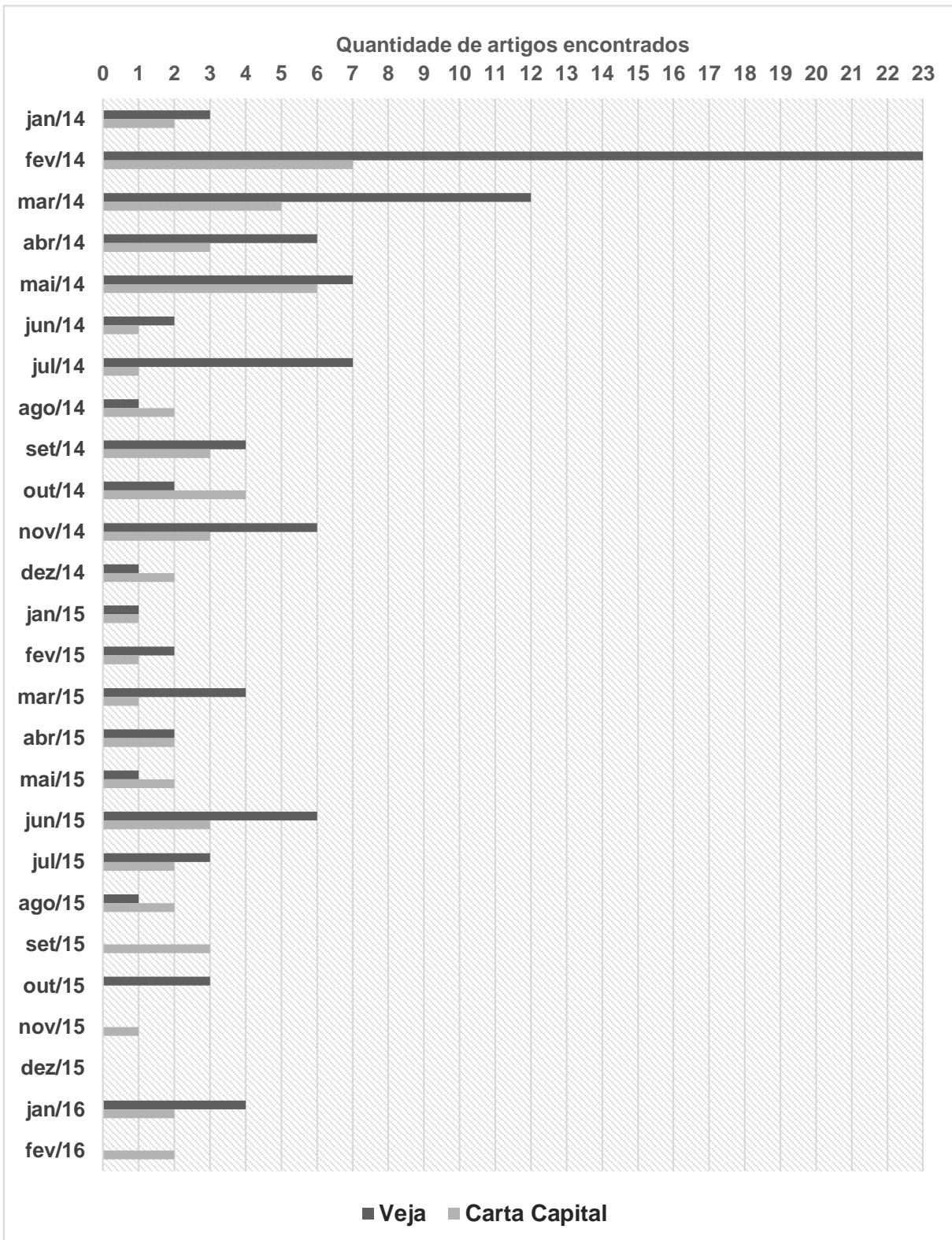
Desses 2.242 artigos totais, foram então listados os **171 artigos iniciais** (apenas **7,62% dos totais**), encontrados considerando o período temporal de aproximadamente **26 meses**, que vai do dia **1 de janeiro de 2014** ao dia **27 de fevereiro de 2016**, quando finalizei a listagem. Dentre estes artigos todos, **108** pertenciam ao site de Veja e **63** ao de Carta Capital. Porém, excluindo-se os **9 artigos** (5,26% dos iniciais “bruto) que consistiam ou exclusivamente em vídeos ou em artigos onde o termo buscado (fascista) não aparecia vez alguma em seu, resulta-se, em definitivo, no total de **162 artigos definitivos**, dos quais **102 artigos de Veja** e **60 artigos de Carta Capital**.

A incidência temporal dos resultados, conforme o gráfico apresentado na página a seguir, é de uma distribuição desigual ao longo dos 26 meses, pois se, a exemplo, em fevereiro de 2014 tivemos 30 artigos (23 deles de Veja e 7 de Carta Capital), em dezembro de 2015 não tivemos absolutamente nenhum.

Em ordem decrescente, os meses predominantes em resultados, foram fevereiro de 2014 (30), março de 2014 (17) e maio de 2014 (13), pois em todos os outros se tem menos de 10 artigos. Em ordem crescente, os meses menos predominantes em resultados, foram dezembro de 2015 (0), novembro de 2015 (1) e fevereiro de 2015 (2), pois todos os 20 meses, aqui não citados, tiveram entre três e nove resultados.

Também é pertinente salientar que, por uma tendência estatística, quase sempre as quantidades de resultados serão maiores em Veja, não necessariamente por determinada característica ser mais predominante neste portal que em Carta Capital, mas porque sua quantidade de artigos analisados (102) representa 63% do total de 162 artigos — a quantidade de artigos de Carta Capital analisados, por sua vez, representa 37,04% dos 162 artigos selecionados. Em situação ideal, deveríamos ter 50% de cada, mas é preferível manter-se o mais fiel possível à realidade, apenas isolando-a, nunca falseando-a.

Gráfico 1 – Incidência temporal dos resultados



Tinha-se, a partir de então, uma enorme quantidade de textos, páginas e mais páginas. Mesmo recorrendo a vários macetes, o trabalho de análise inicial demorou mais de um mês, e, enquanto ocorria, também surgia a necessidade de categorização.

1.2.1. Categorização pela recorrência e suas problemáticas

Logo iniciada a análise desses 162 artigos definitivos — de Veja, 102, e de Carta Capital, 60, vale lembrar —, fica perceptível a necessidade de uma divisão inicial em **duas categorias principais**, melhor dizendo cruciais para atingir-se o histórico pretendido, das ocorrências de uso do termo “fascista” em ambos os portais escolhidos: por um lado, artigos com **uso histórico** — especificamente, quando o termo “fascista” era usado para designar os fascistas e fascismos históricos —; por outro lado, artigos com **uso cotidiano** — especificamente, quando o termo “fascista” era usado de várias formas que não as referências históricas já explicadas, tendendo então ao *foco principal da análise, do uso do termo “fascista” apoiado num conceito subjetivo próprio a cada espectro político*. Devo pontuar, apesar disso, que nessa categoria também encaixavam-se, além das ocasiões em que “fascista” era empregado nas *acusações direcionadas ao respectivo opositor político do portal*, os casos onde o seu uso se dava apenas em **referência às acusações** anteriormente citadas — nesse caso, um direitista refere-se aos xingamentos de “fascista” que recebe de esquerdistas, e vice-versa — ou em meio às **citações de terceiros**, nestes casos, em nada relacionadas com o conflito de esquerda-direita —por não ter sido descartada nenhuma ocorrência de uso do termo “fascista”, como consequência, entre os resultados estarão várias ocorrências irrelevantes ao propósito, mas ainda assim úteis, para cálculos percentuais gerais. Tudo dentro da tradição das análises de conteúdo, incluindo a descoberta progressiva das categorias:

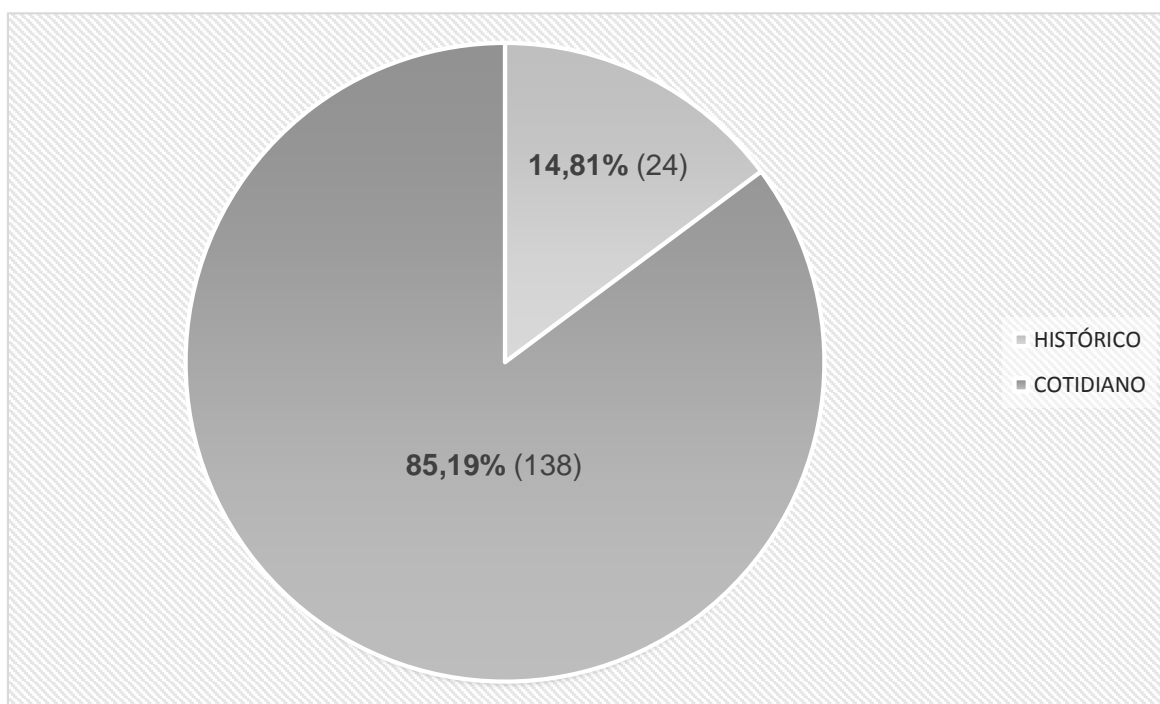
Não basta saber qual o tipo de material que se deseja analisar, a imprensa, por exemplo; também é preciso definir com precisão o que se visa através dessa análise: estabelecer a estrutura do jornal, revelar suas tendências, sua ideologia, elucidar as técnicas de **rewriting**, destacar as características da escrita de imprensa, etc. Quanto maior for a precisão com que se definam os objetivos da pesquisa, mais análise de conteúdo poderá ser um instrumento eficaz. A escolha do método a empregar depende estreitamente do objetivo atribuído à pesquisa. Talvez, no decurso da análise, uma outra pista se revele mais interessante. Será sempre tempo de modificar a direção da pesquisa mas, como já sublinhava Berelson, as excursões de pesca empreendidas ao acaso só excepcionalmente são rendosas. (KIENTZ, 1973, p. 161)

Dessa primeira divisão dos 162 artigos definitivos, entre os artigos onde o uso do termo “fascista” se dá de forma histórica e os artigos onde se dá de forma cotidiana — faz-se preciso advertir que nem todos os artigos apresentaram-se com a “característica ideal” em que se encontraria uma única repetição do termo, assim

facilitando enormemente o trabalho; nestes casos do termo “fascista” repetido várias vezes no texto, alguns entraram numa categoria de “**casos complexos**” de que falarei adiante, mas em outros, foi escolhido, dentre todos, o emprego do termo mais coeso com a ideia geral do texto em específico, ou então pelo critério de selecionar aquele que mais se aproximasse de um uso cotidiano —, encontra-se como resultado um total de **24 artigos com o uso histórico** do termo “fascista” (14,81%) e **138 artigos com o uso cotidiano** do termo “fascista” (85,19%).

1.3. PANORAMA INICIAL DOS RESULTADOS ESTATÍSTICOS

Gráfico 2 – Divisão inicial dos 162 artigos entre tipos de uso do termo “fascista”

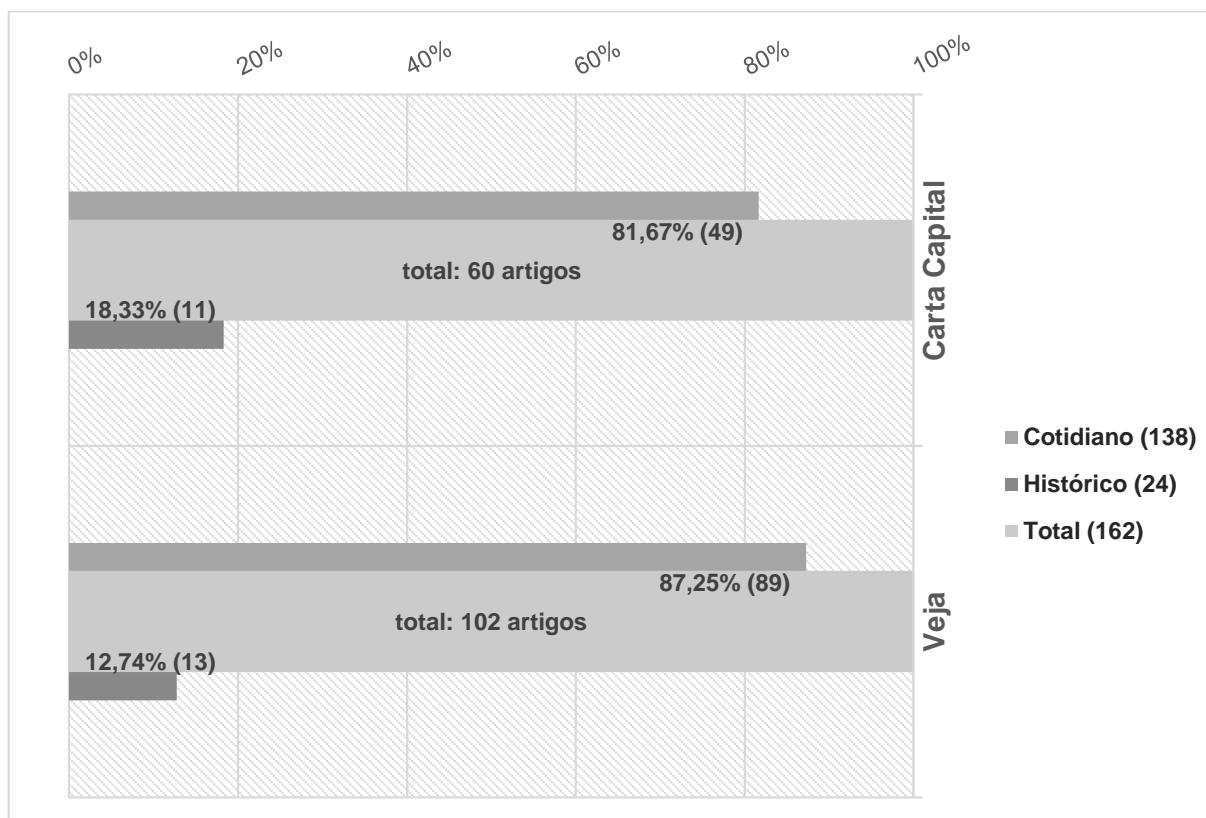


Mais criteriosamente, dessa divisão inicial, resultam-se os seguintes resultados: entre os 24 artigos de uso histórico encontrados, *13 artigos pertenciam ao portal de Veja*, totalizando assim, uma pequena ocorrência de 12,74% dos 102 artigos definitivos do mesmo, ao longo desses 26 meses; e *11 artigos pertenciam ao portal de Carta Capital*, totalizando assim, também uma pequena ocorrência, mas de 18,33% dos 60 artigos definitivos do mesmo, ao longo do mesmo período de tempo.

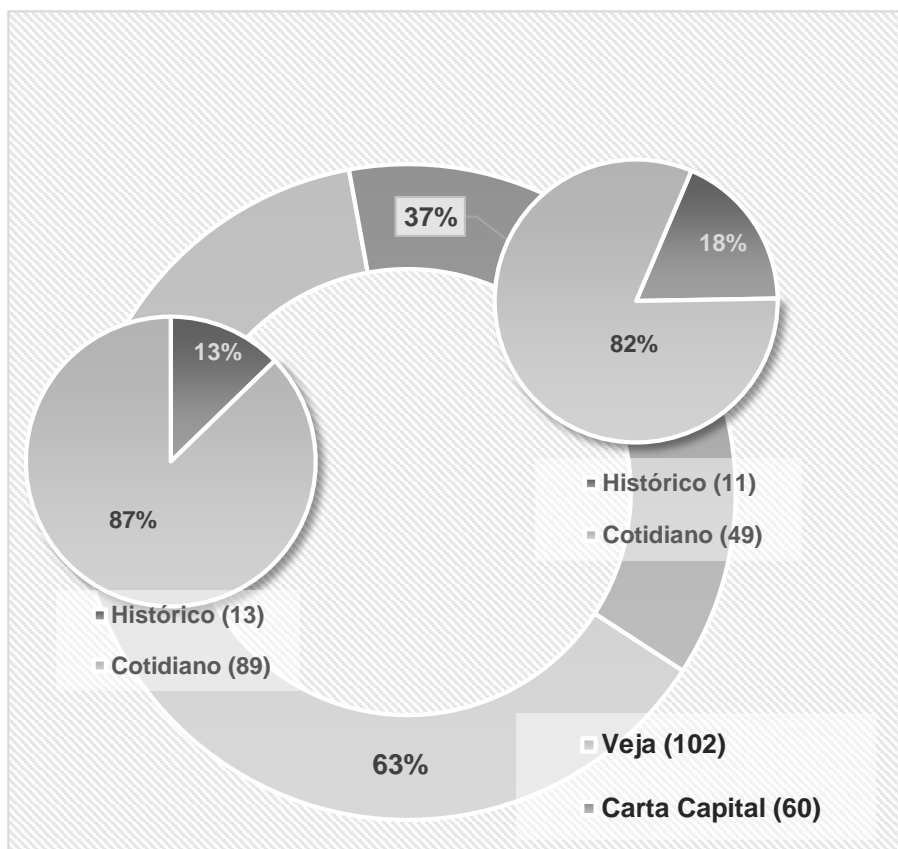
É interessante destacar ainda, que o uso destes vários gráficos “contraria a tradição” de tabelas encontrada nos estudos de jornalismo comparado relatados no livro de José Marques de Melo (1972), pois, além da distância temporal considerável entre a referência e “Fascismo alheio”, há por minha parte uma crença de que os

gráficos conseguem transmitir melhor os dados, trazendo assim maior esclarecimento sobre as situações que se deseja ilustrar, graças aos aspectos bidimensionais conciliados com os percentuais estatísticos que figurariam nas hipotéticas tabelas.

Gráfico 3 – Porcentagem de uso histórico e cotidiano do termo “fascista” em cada portal de notícia



Dito tudo isso, além de mostrados os três primeiros gráficos com o fim de maior esclarecimento, chega-se à metade do caminho, mas isso teoricamente apenas, posto que inda permanecia, já nesta etapa da análise, vislumbrando um horizonte quase infinito de possibilidades para categorizações menores dentro do universo dos 138 artigos de uso cotidiano do termo “fascista”.

Gráfico 4 – Distribuição inicial dos 162 artigos, por veículo e por tipo de uso

Desse panorama inicial, evidencia-se que, se a diferença em número de artigos definitivos de ambos os portais, antes da divisão inicial, era de 42 artigos a mais para Veja, depois desta, passou a ser de 40 artigos com uso cotidiano e só dois com uso histórico a mais para Veja. Sendo assim, *Carta Capital* foi quem fez maior uso histórico do termo “fascista” (diferença para Veja de 5,59%), considerando sua respectiva quantidade de artigos ao longo desse intervalo temporal de 26 meses. Por consequência lógica, *Veja* foi quem fez maior uso cotidiano do termo “fascista” (diferença para Carta Capital de 5,58%).

Como se vê, *Veja* e *Carta Capital* fazem pouco uso do termo “fascista” em referência aos fascistas e fascismos históricos (menos de 1/4), quando comparado com o uso cotidiano diverso que fazem do mesmo. Além dessa conclusão, também se chegaria à de que, desconsiderando as próximas subdivisões, *Carta Capital* é um pouco mais fiel ao emprego histórico do termo, tendendo a um jornalismo mais “neutro” em decorrência, mais científico nessa questão.

2. TIPOS DE USO DO TERMO “FASCISTA”

Dos ensinamentos de Albert Kientz, além dos vários já citados, também aprendi que “a análise das características do conteúdo de um **medium** leva, quase inevitavelmente, à formulação de hipóteses sobre as funções que ele assume” (1973, p. 71), como é o exato caso desta monografia, em sua intenção. Também considero pertinente quando, refletindo sobre o histórico desta metodologia por mim adotada e por ele explanada, conclui que:

Desde seus primórdios, a análise de conteúdo aplicada aos **mass media** (televisão, rádio, imprensa, cinema, discos, etc.) serviu como técnica de diagnóstico social. As mensagens da comunicação de massa, secreções do corpo social, permitiriam formular inferências sobre a cultura que as produz. (1973, p. 115)

Ainda sobre suas influências, mas em relação não mais ao objetivo geral, mas ao método de isolamento do termo “fascista”, pareceu-me bastante inspirador o trecho em que Kientz afirma servirem as palavras chaves “[...] para revelar os pólos de interesse, as preocupações, a ideologia latente dos que as utilizam.” (1973, p. 165)

Expostas tais considerações de influência sobre todo o estudo aqui apresentado, passemos para a próxima etapa, consideradas as divisões já feitas, entre uso histórico e uso cotidiano do termo “fascista”, é hora de isolar alguns e subdividir outros.

2.1. DIVISÃO INICIAL ENTRE USO HISTÓRICO E DE USO COTIDIANO

2.1.1. Isolamento dos casos de uso histórico

Como já se percebeu claramente até aqui, os casos de uso histórico do termo “fascista”, ou seja, quando o mesmo foi empregado para designar os fascistas e fascismos históricos, não são muito úteis à **finalidade máxima da análise** — poder-se-ia dizer que essas ocorrências de meu maior interesse, mais especificamente, **os casos de emprego acusatório do termo**, como veremos adiante, são uma parte não tão significativa do total, já que inferiores à metade dos casos cotidianos, mas penso serem mais de dois anos de amostra suficientes para a proposta minha — porém imprescindíveis para um olhar macro sobre as ocorrências encontradas ao longo desses 26 meses recortados. Portanto, considere, a partir de agora, ignorados os 24 artigos, partindo então para uma próxima etapa de perscrutação dos 138 restantes.

2.1.2. Divisão secundária entre os casos de uso cotidiano

Já isolados aqueles 24 artigos que referiam-se a figuras como Mussolini e Hitler, seus respectivos regimes e simpatizantes dos mesmos naquele tempo, salta-se ao olhar **cinco tipos específicos de uso cotidiano recorrentes**.

Mais uma vez, faz-se necessário lembrar que essas divisões em categorias não foram trazidas de um outro estudo ou livro, mas surgiram pela clamante necessidade, sendo portanto as melhores possíveis para esta análise, visto que não haveriam categorizações mais bem adaptáveis a tamanhas especificidades aqui encontradas.

Outra coisa a se pontuar, é que tais divisões seguem sempre a influência de Albert Kientz (1973) e os exemplos trazidos por José Marques de Melo (1972). Sóbrio que estou, sinceramente, vejo-me seguindo as seguintes regras:

1. A classificação deve ser exaustiva. O conjunto do conteúdo que se decidiu classificar deve sê-lo por inteiro. Uma categoria “ecclética” será frequentemente útil para receber os resíduos.
2. As categorias devem ser mutuamente exclusivas, isto é, dentro de uma mesma classificação não deve figurar elemento algum em mais de uma divisão ao mesmo tempo.
3. Os critérios de classificação devem ser definidos com precisão e ser pertinentes de acordo com os objetivos da pesquisa. Não existem categorias “pré-fabricadas” e universais” válidas. Devem ser, de cada vez, talhadas sobre medida, em função do material tratado e das finalidades em vista. (KIENTZ, 1973, p. 168)

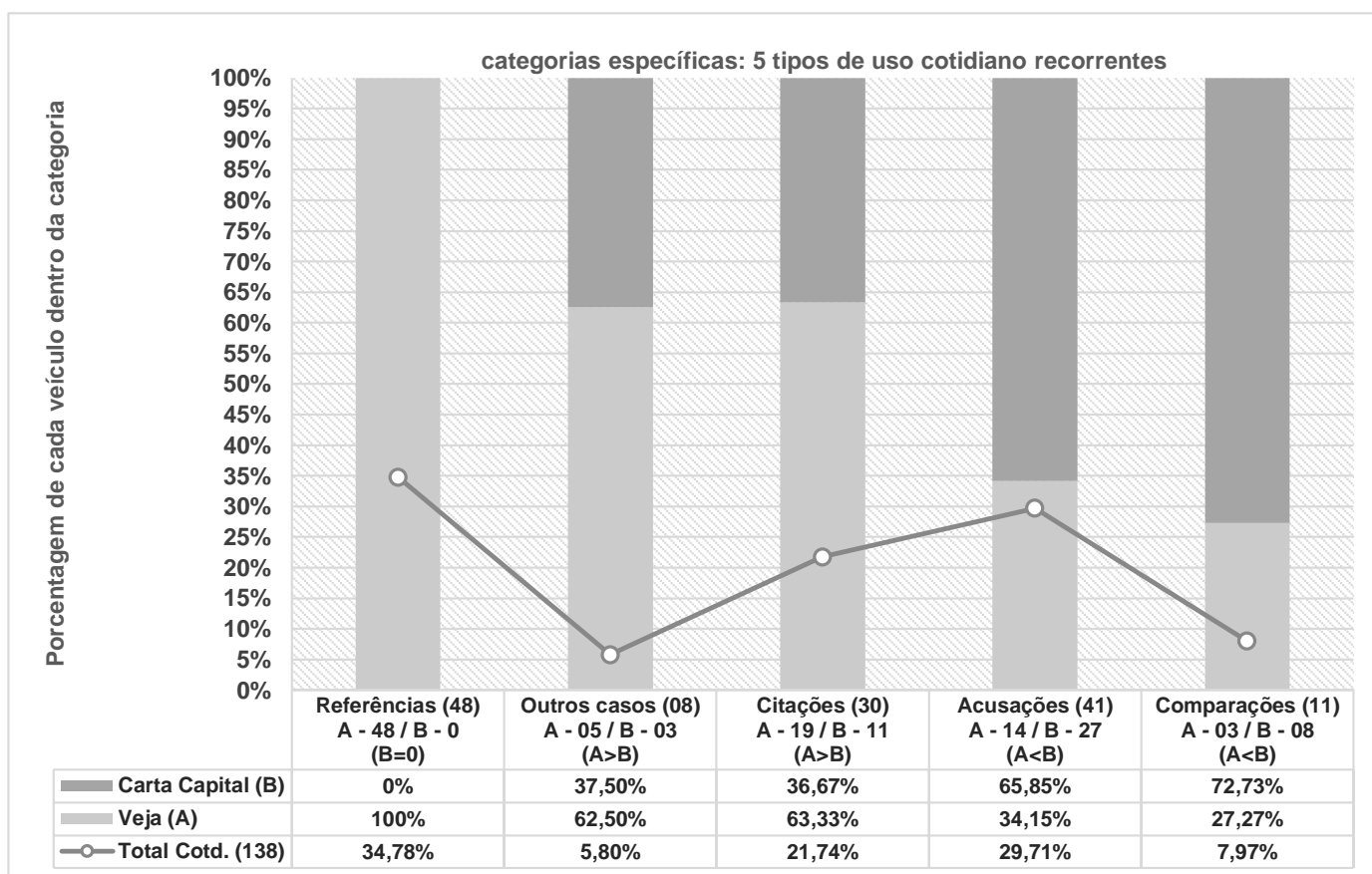
Sendo assim, certo sobre o procedimento a ser realizado, a cada um dos **cinco tipos específicos de uso cotidiano recorrentes**, dei um código que ia da letra “a” à letra “e”, assim como já havia dado aos artigos de Veja a codificação de **A001 a A102**, como aos de Carta Capital, a codificação de **B001 a B060**. Todos esses procedimentos, vistos por fora, parecem talvez tolos, mas são imprescindíveis para o autor da análise poder transformar tantos textos em categorias e então em dados quantitativos e estatísticos.

Assim codificados, cabe então apresenta-los com suas respectivas explicações, só definitivamente formuladas, em verdade, no fim da segunda análise que fiz de todos os 162 artigos definitivos — sim, houve necessidade de uma reanálise, comprometido que estava em atingir resultados certos e honestos. Vejamos os cinco casos:

Referências: quando “fascista” é usado no texto para fazer referência ao seu uso recorrente ou específico pelos opositores do espectro político do portal em questão, notadamente contra os representantes do mesmo (direitistas referindo-se a

esquerdistas que os chamam de fascistas, e vice-versa); **Outros casos:** ocorrências bem específicas, complexas, como quando o uso do termo “fascista” não se encaixa nas categorias, seja por dualidade entre tipos de uso cotidiano, seja pelo tema aparecer repetidas vezes no texto com conotações diferentes; **Citações:** quando “fascista” é apresentado dentro de citações de xingamentos ou ao menos é direcionado a terceiros que não têm a ver com o foco da monografia, não sendo então relacionados à briga entre direita e esquerda; **Acusações:** “fascista” sendo usado como xingamento, contra algo ou alguém que representa os adversários do espectro político do portal, assim um adjetivo de caráter subjetivo, ou seja, sem nenhuma explicação do porquê de seu uso; e **Comparações:** “fascista” incluído num discurso de ataque a um alvo típico do espectro político do portal, mas com a explicação das razões que levam à comparação acusativa de caráter subjetivo desse alvo com o “fascismo histórico”. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

Gráfico 5 - Divisão em categorias dos 138 artigos com o uso cotidiano do termo "fascista"



Analisando-se o gráfico tão bem detalhado, claramente percebe-se que *não foram encontradas ocorrências do tipo de uso cotidiano “referências” em Carta*

Capital. Disso, considerando que foi recortado um período tão grande no estudo, pode-se concluir que os esquerdistas ligados a Carta Capital não se sentem recorrentemente xingados de “fascistas” pelos seus adversários políticos, como sentem-se os direitistas ligados a Veja — demasiadamente, pelo visto. Deduz-se então, ou que por ventura esses esquerdistas são assim “xingados” mas não se incomodam, ou que realmente não chega até eles essa acusação de estar o fascismo mais à esquerda que à direita, levando então a uma comparação de qualquer esquerdista mais radical como “fascista”.

Apesar dessa troca de acusações, que creio desde agora já destacar-se aos olhos de todos, o fascismo segue como um fenômeno complexo, ou melhor dizendo, uma mistura singular, para o desapontamento desses mesmos esquerdistas:

Uma outra característica supostamente essencial do fascismo é seu ânimo anticapitalista e antiburguês. Os primeiros movimentos fascistas ostentavam seu desprezo pelos valores burgueses e por aqueles que queriam apenas “ganhar dinheiro, dinheiro, imundo dinheiro”. Atacavam o “capitalismo financeiro internacional” com quase a mesma veemência com que atacavam os socialistas. (PAXTON, 2007, p. 25)

Mas também não é a intenção de aqui se apoiarem as crenças direitistas sobre predominância de características de esquerda, considerando-se o “tamanho do estado”, nos vários fascismos do século passado.

O que o fascismo criticava no capitalismo não era sua exploração, mas seu materialismo, sua indiferença para com a nação e sua incapacidade de incitar as almas. Em um nível mais profundo, eles rejeitavam a idéia de que as forças econômicas são o motor básico da história. Para os fascistas, o capitalismo falho do período do entreguerras não necessitava ser reordenado em seus fundamentos. Suas mazelas poderiam ser curadas pela simples aplicação de vontade política para a criação de pleno emprego e produtividade. (PAXTON, 2007, p. 27)

Também percebe-se pelo gráfico, que na categoria específica dos **outros casos** só entraram **8 artigos** (3 de *Veja* e 5 de *Carta Capital*), representando apenas 5,79% do total de 138 artigos com uso cotidiano do termo “fascista”, o que os torna decerto irrelevantes no total de nossas apurações, apesar de que serão esmiuçados na próxima subseção terciária.

Já a categoria específica de **citações**, mesmo não tão relevante para o objetivo mor deste que vos fala, representou, dentro do total, uma considerável parte de 21,74%, ou seja, *quase ¼ dos 138 artigos de uso cotidiano*.

Da categoria de **acusações**, vê-se uma grande recorrência, *beirando 1/3 do total de artigos de uso cotidiano*. Daí podemos concluir que o uso do termo “fascista” como **xingamento** é bem recorrente em ambos os portais, porém *bem maior em Carta Capital* (65,85% dos 41 xingamentos encontrados) que em *Veja* (34,15% dos 41 xingamentos encontrados).

Por fim, a penúltima categoria específica, numa ordem decrescente de ocorrência, é a das **comparações**, com seus **11 casos** encontrados (7,97% dos 138 artigos com uso cotidiano do termo “fascista”). Nela, a predominância é também de Carta Capital, com 8 artigos, exatos 2/3 da categoria, mais precisamente 72,73%.

Contabilizado tudo, podemos então listar a ordem de incidência das categorias em cada um dos dois portais: Em **Veja**, temos em **1º as referências** (48 artigos), em **2º as citações** (19 artigos), em **3º as acusações** (14 artigos), em **4º os outros casos** (5 artigos) e em **5º as comparações** (3 artigos); já em **Carta Capital**, temos em **1º as acusações** (27 artigos), em **2º as citações** (11 artigos), em **3º as comparações** (8 artigos), em **4º os outros casos** (3 artigos) e em **5º as referências** (nenhum artigo).

2.1.3. Casos complexos de uso cotidiano com difícil categorização

Como vimos, foram apenas oitos artigos que se enquadraram nessa classificação especial, **5 artigos de Veja** e **3 artigos de Carta Capital**. A seguir, serão brevemente comentados cada um deles:

Veja: em **Campanha de Dilma imita peças das ditaduras militar e do Estado Novo e cria o “Pessimildo”**, artigo do dia 16 de setembro de 2014, o autor (Reinaldo Azevedo) associa Getúlio Vargas ao fascismo, mas o seu foco real é perceptivelmente atacar o governo petista. Assim sendo, além de acusa-lo de “intolerante”, percebe-se que, para ele, “fascista” é o petismo em si. (AZEVEDO, 2014c)

Veja: em **A TROPA DO PT: eles ameaçam de morte, xingam, provocam, querem bater. Na raiz da delinquência, está o dinheiro público do governo e das estatais**, artigo do dia 11 de maio de 2014, Reinaldo Azevedo chama de “fascista” certo tipo de ameaças que recebe de seus opositores, que ele intitulou como o “conceito de a hora chegando”; depois, ele refere-se à militância virtual petista como “fascistada”; por último, ele refere-se a um vídeo em que Rodrigo Grassi, segundo ele “defensor da ditadura cubana”, define como “fascista” o então presidente do STF, Joaquim Barbosa. (AZEVEDO, 2014b)

Veja: em **PT faz “camping digital” para organizar guerrilha virtual. Que medinho!!!**, artigo do dia 19 de abril de 2014, Reinaldo Azevedo compara uma foto de um camping digital petista com duas fotos de regimes fascistas, uma da tropa SS de Hitler, a outra da “juventude fascista fazendo exercícios”. (AZEVEDO, 2014a)

Veja: em **Coerência bolivariana**, artigo do dia 8 de março de 2014, Augusto Nunes usa de uma citação de Nicolás Maduro, presidente da Venezuela, referindo-se a seus opositores como “fascistas” — vale lembrar que Veja sempre se identifica com a oposição venezuelana —, para depois dizer sarcasticamente que, cansado desses “fascistas”, Maduro resolveu convocar outros “fascistas”, as “milícias chavistas”. Assim, acaba por chamar a esquerda venezuelana de “fascista”. (NUNES, 2014b)

Veja: em **Nem ele aguenta**, artigo do dia 7 de março de 2014, Augusto Nunes usa de uma citação de Nicolás Maduro, presidente da Venezuela, referindo-se a seus opositores como “fascistas”, para depois dizer, ironicamente, que Maduro não suporta mais as “milícias chavistas”. (NUNES, 2014a)

Carta Capital: em **O jogo de linguagem fascista**, artigo do dia 11 de janeiro de 2016, Marcia Triburi usa o termo “fascista” cinco vezes, desconsiderando o título do próprio artigo, que já o inclui. Em todos, ela procura explicar sobre o termo fascista e seus significados, além do fascismo em si, não apenas considerando os fascismos históricos, mas principalmente as suas representações em nossa contemporaneidade. (TRIBURI, 2016)

Carta Capital: em **A nova roupa da direita**, artigo do dia 25 de junho de 2015, a autora Marina Amaral, primeiro chama de “fascista” o projeto anticomunista MLN da Guatemala, depois cita uma fala de Marcel Van Hattem dizendo que Kim Kataguiri foi chamado de “fascista” por Juliano Roso. (AMARAL, M., 2015)

Carta Capital: em **O desejo anticapitalista de Pasolini**, artigo do dia 17 de julho de 2014, é exposta uma carta aberta de Pier Paolo Pasolini a Italo Calvino, nela, o termo fascista é repetido 8 vezes. No primeiro emprego do termo, ele chama de “fascista” a “Italietta”; no segundo, a Itália de Mussolini; nos 6 restantes, refere-se aos “jovens fascistas”. O artigo está creditado a “Outras Palavras”. (O DESEJO, 2014)

2.2. USO COTIDIANO EM REFERÊNCIA ÀS ACUSAÇÕES RECEBIDAS

Ciente de que artigos nesta categoria específica só foram encontrados em Veja (29,63% do total de 162 artigos definitivos, soma dos artigos dos dois portais), não requer-se comparações, mas há ainda do que se comentar.

Dos **48 artigos de Veja** com esse tipo de uso cotidiano do termo “fascista” (47,06% dos 102 artigos do portal), **21 artigos** (43,75%) são da autoria de **Felipe Moura Brasil** — representaram 84% de todos os seus 25 artigos encontrados ao longo dos 26 meses —; **10 artigos** (20,83%) são creditados apenas como “**Da redação**” — representaram 38,46% de todos os 26 artigos creditados à redação, que foram encontrados ao longo dos 26 meses —; **5 artigos** (10,42%) são da autoria de **Reinaldo Azevedo**; **5 artigos** (10,42%) são da autoria de **Diego Braga Norte** — deste autor, só foram encontrados artigos nessa categoria específica, ao longo dos 26 meses —; **4 artigos** (8,33%) são da autoria de **Augusto Nunes**; os **3 artigos** restantes (6,25%) pertencem aos **autores com apenas uma única aparição**, dentro do período de 26 meses estudado.

Desta exposição, podemos concluir, quando tem-se porcentagens tão relevantes, que os editores de Veja e parte de seus autores — podemos deduzir que *também os seus leitores* incluem-se nisso, até porque em parte dos textos encontrava-se colocações nesse sentido — não só identificam acusações de fascismo a eles direcionadas, como importam-se muito com isso, ao ponto de acabarem sendo *quase a metade* dos casos em que recorrem ao uso do termo “fascista”.

2.3. USO COTIDIANO EM CITAÇÕES DE TERCEIROS

Uma categoria da menor relevância — seus personagens envolvidos, em sua maioria, estão desvinculados da briga entre esquerda e direita —, como já se percebeu, mas que inda assim foi útil e merece por si só comentários, mesmo porque seus **30 artigos** representam 18,52% do total da soma dos artigos de ambos os portais (162 artigos). De início, é devido pontuar que a proporção entre as ocorrências de Veja e Carta Capital, nesta categoria, equilibrou-se bem mais, apesar de Veja ter **8 artigos** a mais — não se pode jamais esquecer a tendência natural disso, considerando-se que Carta Capital tem 42 artigos a menos.

Desses 30 artigos com o uso cotidiano do termo “fascista” dentro de citações de terceiros (21,74% dos 138 de uso cotidiano), **19 artigos** são de Veja (63,33% dos 30

artigos) e **11 artigos** são de Carta Capital (36,67% dos 30 artigos). Como a quantidade total é pequena, a diferença de 8 artigos acaba sendo de 26,66% a mais para Veja.

Antes das subdivisões entre os artigos de uso cotidiano do termo “fascista”, concluíam-se que Carta Capital tinha vantagens em relação a Veja, considerando-se essa questão de parcialidade política no uso do termo “fascista”, porém, esta categoria de referências também deve ser contabilizada como ocorrências imparciais, por mais que a escolha de citar algo ou não seja de fato do portal e de seus autores.

É notório o dever do jornalismo de noticiar os acontecimentos. Como *ambos os portais são jornalísticos acima de tudo*, situações em que, a exemplo, um artista acusa o outro de “fascista”, ou em que no lugar de artistas, são políticos discutindo e trocando o mesmo tipo de ofensas — veremos adiante como *“fascista” tem um significado ruim tanto para a esquerda quanto para a direita* —, podem ser consideradas normais, sem caráter enviesado, devendo-se, portanto, *soma-las às ocorrências de uso cotidiano do termo “fascista”*.

Assim explicado, feita a conta necessária, percebe-se que, dum total de **54 artigos** com o **uso histórico/terceirizado** do termo “fascista” — trata-se aqui do resultado de uma soma dos 24 artigos com uso histórico do termo “fascista” mais os 30 artigos com uso cotidiano do termo “fascista” em citações de terceiros —, ou seja, meramente descritivos (em tese), **32 artigos** pertencem a Veja (31,37% do total de seus 102 artigos) e **22 artigos** a Carta Capital (36,67% do total de seus 60 artigos).

Podemos concluir então, que *Veja fez mais uso não histórico/terceirizado do termo “fascista” do que Carta Capital, ao longo de 26 meses* (diferença de 10 artigos, 18,52% dos 54 artigos considerados); todavia, em relação à porcentagem destes *em relação ao total de artigos de cada um dos portais, Carta Capital fica à frente*, com uma diferença de 5,3% entre um portal e outro.

Em Veja, da categoria **“citações”**, 52,63% (10/19 artigos) estavam creditados como **“Da redação”**; em Carta Capital, a distribuição se deu de forma mais equilibrada.

2.4. USO COTIDIANO COMO ACUSAÇÃO DIRETA

Finalmente, é chegado o momento de tratar dos casos de maior relevância, considerando o foco desta monografia: quando o termo “fascista” é utilizado, de forma acusativa, pelos autores da esquerda e da direita, contra os seus respectivos adversários políticos.

À esta altura, faz-se válido introduzir mais uma obra de referência, neste caso já não tão politicamente neutra quanto a obra de Paxton — que claro fique não haver intenção de minha parte em favorecer a defesa direitista ou a esquerdista, pelo contrário, *a intenção deste trabalho é expor ambas as perspectivas enviesadas e confrontá-las com uma perspectiva acadêmica mais neutra, além de trazer os resultados estatísticos de uma análise realizada com metodologia científica rigorosa e nada obscura* —, que apresenta muito bem a visão direitista sobre o progressismo ter base fascista, assim chegando-se à conclusão, melhor expressa na citação abaixo, de que a esquerda americana, dita liberal, é fascista ao seu modo:

[...] o fascismo americano é mais suave, mais amistoso, mais “maternal” que seus correspondentes estrangeiros; é o que George Carlin chama de “fascismo de carinha sorridente”. Um fascismo simpático. O melhor termo para descrevê-lo é “fascismo liberal”. E esse fascismo liberal era, e continua sendo, fundamentalmente, um fascismo de esquerda. (GOLDBERG, 2009, p. 17)

Precisei apresenta-lo antes de recorrer a algumas boas colocações que ele faz sobre o uso do termo “fascista” nos dias de hoje. Essas reflexões dele, apesar de, em sua mente, direcionarem-se à esquerda, encaixam-se perfeitamente bem no comportamento de direitistas como os de Veja:

Não existe uma só palavra na língua inglesa mais livremente usada a torto e a direito por pessoas que não sabem seu significado do que “fascismo”. Na realidade, quanto mais alguém usa a palavra “fascista” em sua linguagem cotidiana, menor a probabilidade de que saiba do que está falando. (GOLDBERG, 2009, p. 10)

Por sua vez, Robert. O. Paxton, em seu livro, é relutante contra tal tendência, considerando que isto é prejudicial para a sociedade, para a discussão política e acadêmica, assim representando o que seria **a ideia defendida por esta monografia**:

O fascismo deve ser resgatado do uso malfeito que vem tendo, e não jogado fora em razão desse uso. Ele continua sendo indispensável. Precisamos de um termo genérico para o que é um fenômeno geral, na verdade, a novidade política mais importante do século XX: um movimento popular contra a esquerda e contra o individualismo liberal. (PAXTON, 2007, p. 46)

Infelizmente, ainda nos encontramos muitos distantes, sendo minha contribuição mui pequena diante de décadas de imprecisão, inclusive entre os maiores estudiosos do assunto, pois, como o próprio Paxton conclui: “No final das contas, nenhuma interpretação do fascismo parece ter conseguido satisfazer a todos de forma conclusiva.” (2007, p. 353)

A esse tipo de conclusão também chegou Norberto Bobbio, analisada toda a discussão sobre o fenômeno na literatura acadêmica, incluindo aí os contrastes entre os métodos e perspectivas, com os seus respectivos desenvolvimentos:

Na já vastíssima literatura referente ao Fascismo é normal depararmos com definições diversas e frequentemente contraditórias deste conceito. A multiplicidade de definições é demonstrativa não só pela real complexidade do objeto estudado, como também pela pluralidade de enfoques, cada um dos quais acentua, de preferência, um ou outro traço considerado particularmente significativo para a descrição ou explicação do fenômeno. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

Dentre todas essas questões controversas, ao foco do trabalho, destaca-se a discussão sobre se *o fascismo está mais à direita ou mais à esquerda*, além, é claro, de *como se tem usado, recorrentemente, o termo “fascista”, pobre de significado, no lugar de um xingamento, em meios de indivíduos politizados.*

Nos casos que chamei “acusações”, percebe-se o uso do termo “fascista” como xingamento banal, desprovido de qualquer significado maior, já que não é explicado o porquê do seu uso — supõe-se, evidentemente, que os leitores de *Veja* e *Carta Capital* já tenham a mesma noção de fascismo que a recorrente nos portais dos seus respectivos lados. No entanto, na próxima e última categoria específica que será apresentada, que intitulei de “comparações”, já não se terá o uso do termo “fascista” como xingamento banal, mas como uma acusação comparativa, uma classificação do fascismo — penso que tenham, talvez, pretensões científicas —, bem à mão evidentemente, para assim poderem se enquadrar perfeitamente os representantes do seu lado oposto. Afinal, se algo encaixar-se num rótulo de “fascista”, pelo senso comum, aparentemente, torna-se instantaneamente repudiável, como bem pontua Goldberg, em seu livro, sobre “fascista”, ao dizer que ‘é uma palavra moderna para designar um “herege” e estigmatizar um indivíduo que mercê ser excomungado do corpo político.’ (2009, p. 12)

Mas, voltando nosso olhar aos dados estatísticos resultantes desta análise de conteúdo, percebe-se a grande recorrência desses casos, ao longo dos 26 meses. Dos 138 artigos de uso cotidiano do termo “fascista”, foram encontrados **41 artigos com o claro uso do termo de forma acusatória, como se xingamento fosse**, representando *quase 1/3 desse total*, mais precisamente 29,71%.

Desses 41 artigos (25,31%, ou seja, $\frac{1}{4}$ da soma total dos artigos de ambos os portais), **14 artigos** pertenciam a Veja (34,15% desses 41 artigos, aproximadamente 1/3), pois **27 artigos** — mais da metade — pertenciam a Carta Capital (65,85% desses 41 artigos).

Se comparados os casos cabíveis dentro desta categoria — acusações — com os da próxima — comparações —, veremos que a quantidade desta daqui é **o triplo** da referida outra, com seus 11 artigos, que representa apenas 7,97% dos 138 artigos com uso cotidiano do termo “fascista”.

Dos 14 casos encontrados em Veja, que cabiam exatamente nesta categoria, os alvos das acusações foram, em ordem decrescente de repetições: **petistas de forma geral** (5x, 35,71%); **militância de esquerda venezuelana** (3x, 21,43%); **pessoas de esquerda em específico** (1x, 7,14%); **esquerdistas de forma geral** (1x, 7,14%); **governo Kichner** (1x, 7,14%); **governo ucraniano** (1x, 7,14%); e **casos isolados de alvos irrelevantes ao foco da análise** (1x, 7,14%).

Dos 27 casos encontrados em Carta Capital, que cabiam nesta categoria, os alvos das acusações foram, em ordem decrescente de repetições: **anti-petistas de forma geral** (5x, 18,52%); **casos isolados de alvos irrelevantes ao foco da análise** (5x, 18,52%); **direitistas de forma geral** (3x, 11,11%); **opositores do governo do venezuelano** (2x, 7,41%); **black blocks** (2x, 7,41%); **direita americana de forma geral** (1x, 3,70%); **pessoas contrárias aos direitos humanos** (1x, 3,70%); **Frente Nacional da França** (1x, 3,70%); **pessoas favoráveis a uma intervenção militar no país** (1x, 3,70%); **política antidrogas** (1x, 3,70%); **golpe ucraniano** (1x, 3,70%); **mídia racista** (1x, 3,70%); **radicais islâmicos** (1x, 3,70%); **regime militar** (1x, 3,70%); e **terroristas ucranianos** (1x, 3,70%).

Com resultados do tipo, seria mais certo tirar-se conclusões sobre o portal de Carta Capital que sobre o de Veja, por ter este último menos ocorrências, porém, as ocorrências no primeiro estão muito distribuídas, de modo que também torna qualquer

conclusão questionável. Mas, inegavelmente, pode-se dizer que para um e para outro, *os alvos da acusação de fascismo que mais predominam são relacionados aos seus opositores políticos*. Sendo assim, de fato, *o termo “fascista” está, sim, sendo usado como mero xingamento, servindo como recurso para se colocar, nos opositores políticos, o rótulo de “fascista”, assim tentando deslegitima-los*.

Algo bem curioso a respeito destes “empurra-empurra”, é que, por sua vez, o fascismo recusava-se a tomar um desses dois lados. Ou seja, se Mussolini ou Hitler vivos estivessem hoje — os movimentos e governos de ambos são quase sempre os focos principais das obras que procuram abranger o fenômeno do “fascismo” como um todo, não só pela maior fama, mas pela maior relevância e informações a dispor sobre, devido ao tempo em que ficaram no poder, quando alguns outros fascismos nem mesmo ao poder chegaram —, provavelmente desprezariam as opiniões tanto dos esquerdistas, quanto dos direitistas que vemos representadas nos dois portais de notícias escolhidos para a análise.

O ápice da reação fascista ao mapa político definido em relação à esquerda e direita foi alegar que eles o haviam tornado obsoleto, não sendo “nem de esquerda nem de direita”, havendo transcendido essas divisões arcaicas e unido a nação. (PAXTON, 2007, p. 29)

E o uso de “fascista” como xingamento não é recente, pelo menos à esquerda:

Mesmo antes de Mussolini ter consolidado por completo seu poder, os marxistas já tinham pronta sua definição para o fascismo, “o instrumento da grande burguesia em sua luta contra o proletariado, sempre que os meios legais disponíveis ao Estado mostram-se insuficientes para contê-lo”. No tempo de Stálin, essa definição enrijeceu-se numa fórmula férrea, que se transformou na ortodoxia comunista vigente por meio século: “O fascismo é a ditadura explícita e terrorista dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro. (PAXTON, 2007, p. 22)

Goldberg, por sua vez, resume esse uso constante, transportando-o para a contemporaneidade do tal “fascismo liberal” — esquerda americana:

Esquerdistas furiosos bradam que todos aqueles à sua direita, particularmente os tubarões empresariais e os políticos que gostam deles, são fascistas. (GOLDBERG, 2009, p. 9)

Mais à frente, veremos quais são as perspectivas que esquerdistas e direitistas tendem a adotar na caracterização do fascismo, no entanto, desde agora, podemos perceber que esse tipo de uso cotidiano do termo “fascista” — nesse caso, “fascista” como todo aquele a que se é contrário — é mais corrente entre a esquerda, com a direita tendendo mais a reclamar disso do que fazer igual, embora o faça a seu modo,

considerando principalmente a questão “tamanho do estado” e a visão de “mundo melhor” — o primeiro é odiado pelos liberais clássicos e o segundo pelos conservadores.

Afirmo isso também considerando as definições trazidas no artigo de Carta Capital, **O jogo de linguagem fascista** (TRIBURI, 2016), que obviamente traz uma conceituação condizente com o adotado pelo portal, sendo assim um bom resumo do “senso comum”, entre seus autores e leitores, nesse assunto específico. Triburi, no referido artigo, em suma, adota uma abordagem que acaba por reduzir o fascismo de forma geral a uma questão mais psicológica que política, assim transportando-o de um contexto distante para outro mais conveniente às suas bandeiras políticas, no caso progressistas: “uma aberração política, mas cujo fundo existencial é a profunda miséria subjetiva de nossa época. Seu *cogito*: humilho, logo existo” (2016).

Note-se bem que o Fascismo de esquerda (GOLDBERG, 2009) foi trazido como referência apenas para compensar o uso do artigo de Marcia Triburi em Carta Capital, já que não foi encontrado um artigo em Veja, dentro dos 26 meses recortados, que esclarecesse melhor a definição de “fascista” para a linha editorial do portal.

2.4.1. **Reductio ad Hitlerum meio à polarização**

Bastante válido pontuar-se tal curioso fenômeno, desdobramento inevitável da discussão iniciada acima, portanto pertinente ao trabalho como um todo. Pois há um termo, *originalmente cunhado por Leo Strauss, de nome reductio ad Hitlerum*, que serve para designar esse tipo de **lógica falaciosa** tão recorrente. Também óbvia a estrutura lógica de que *se algo foi apoiado pelos nacional-socialistas, esse algo deve ser então maligno, indesejável* — percebe-se que é um *reductio ad absurdum bastante emocional e retórico*, já que só poucos não se incomodam com esse tipo de comparação. (KOGAWA, J.; MAZZOLA, R., 2016)

Dessa forma, se uma direitista europeu se opor à abertura das fronteiras de seu país, poderá ser acusado de ser “*tão racista quanto Hitler*”; em outra situação, se um político esquerdista defensor de causas ecológicas e/ou de proteção aos animais, apresentar uma lei que interfira em alguma “liberdade individual”, também poderá ser comparado a Hitler, dessa vez por direitistas, claro, já que no nacional-socialismo dava bastante relevância a questões do tipo. Nesses casos, nenhum deles é de fato fascista por conta dessas leves similaridades, mas associações do tipo acabam por servir a

uma tentativa de deslegitimar a pessoa e suas ideias, assim trazendo, em quem ouve, um receio do sujeito alvo estar revivendo o fascismo nos dias de hoje.

[...] embora os especialistas admitam que a natureza do fascismo seja vaga, complicada e aberta a interpretações amplamente divergentes, muitos liberais e esquerdistas modernos agem como se soubessem *exatamente* o que é o fascismo. Mais ainda: eles o veem em toda parte — exceto quando se olham no espelho. (GOLDBERG, 2009, p. 11)

Em relação ao *reductio ad Hitlerum*, é louvável considerar uma minuciosa definição trazida por um recente trabalho acadêmico brasileiro, por sua vez pautado pela análise de discurso, no campo dos estudos da linguagem:

É uma lógica falaciosa, um argumento com peso emocional (que, ao ser mobilizado, desperta as paixões, ou pathos, isto é, certas disposições de espírito na plateia) recorrente em culturas nas quais qualquer relação com Hitler ou nazistas é de antemão condenada. Essa tática, sabe-se, é utilizada para desqualificar argumentos do oponente ou quando não há mais argumentos. Sublinhamos também a conhecida Lei de Godwin, ou “regra das analogias nazistas”, que tem por base a seguinte afirmação feita em 1990 por Mike Godwin (1994, tradução nossa): “à medida que cresce uma discussão on-line, a probabilidade de surgir uma comparação envolvendo nazistas ou Adolf Hitler se aproxima de 1 (100%)” (tradução nossa). Portanto, considera-se que “perdeu a discussão” quem usou essa comparação em um argumento, pois essa tática é muito mais agressiva e tida como “desleal”, na medida em que se presta a denegrir ou desautorizar ética e moralmente aquele a quem se dirige. Essa associação tem como base a construção histórica da memória do nazismo, caracterizado hoje como regime “totalitário”. A própria expressão “totalitarismo” era um neologismo na época: tornou-se um conceito global que designa o horror político inventado no século XX. “Totalitarismo”, em função desses fatores, tornou-se um idealtipe, um termo abstrato cujos processos de formulação caracterizam as ciências humanas, ou seja, é um processo recorrente a transformação de fatos históricos em tópicos retóricos, em conceitos abstratos, em ideias colocadas em debate no discurso. (KOGAWA, J.; MAZZOLA, R., 2016)

2.5. USO COTIDIANO COMO ACUSAÇÃO COMPARATIVA

Das categorias específicas de uso cotidiano do termo “fascista”, esta — uso acusatório comparativo — é a segunda menor, com suas **11 ocorrências** (6,79% da soma total dos artigos de ambos os portais) em meio aos 138 artigos de uso cotidiano (7,97% desse referido total de 138 artigos de uso cotidiano). Desses 11 artigos, **3 artigos** pertencem a Veja (27,27%, ou seja, quase 1/3 das 11 ocorrências); **os 8 artigos** restantes pertencem a Carta Capital (72,73%, ou seja, quase 3/4 das 11 ocorrências).

Se comparados os casos cabíveis dentro desta categoria — comparações — com os da anterior — acusações —, veremos que a quantidade desta daqui é *quase 4 vezes menor (1/4)* da referida outra, com seus 41 artigos, que representa 29,71% dos 138 artigos com uso cotidiano do termo “fascista”.

Dos 3 casos encontrados em Veja, que cabiam exatamente nesta categoria, os alvos das acusações foram: **comunistas de modo geral (1/3)**; **petistas de modo geral (1/3)**; e a **economia de terceira via (1/3)**.

Dos 8 casos encontrados em Carta Capital, que cabiam nesta categoria, os alvos das acusações foram, em ordem decrescente de repetições: **direitistas de forma geral (2x, logo, 1/4, ou seja, 25%)**; **casos isolados de alvos irrelevantes ao foco da análise (2x, logo, 1/4, ou seja, 25%)**; **anti-petistas de forma geral (1x, 12,5%)**; **Donald Trump (1x, 12,5%)**; **radicais islâmicos (1x, 12,5%)**; e **minoria fundamentalista (1x, 12,5%)**.

Com resultados do tipo, torna-se difícil tirar-se conclusões sobre ambos os portais, principalmente de Veja, por ter este último apenas 3 ocorrências. Mas, inegavelmente, pode-se dizer que para um e para outro, *os alvos de comparação com o fascismo que mais predominam, são relacionados aos seus opositores políticos*. Sendo assim, de fato, o termo “fascista” está, sim, sendo *usado para comparações subjetivas dos comportamentos e ideais dos adversários políticos de quem o usa, com o fascismo histórico, para assim deslegitima-los*.

Assim constados todos resultados estatísticos da análise de conteúdo, a nível de categorias específicas, passemos, ainda como desdobramento desta última, às perspectivas que cada lado adota para assim taxar o oposto seu de “fascista”.

2.5.1. O fascismo da esquerda para a direita

O que se pode perceber claramente, é que, para os direitistas, o fascismo é um fenômeno político de extrema-esquerda, como se “irmão” fosse do marxismo, ou pelo menos por ele inspirado. Para verificar essa impressão, tomemos como exemplo um trecho do artigo de Veja, incluído na categoria específica das “comparações”, de nome **Por que o capitalismo funciona – um post com vídeos, transcrições e resumos para você educar de vez os amigos:**

Como as almas brasileiras cheias de **boas intenções** e amor profundo ao “meio-termo” adoram fundir (para não dizer palavra semelhante...) as coisas, adianto logo um trecho de “**A vitória do fascismo**”, de Olavo de Carvalho, presente na seção “Socialismo x capitalismo” do nosso best seller “**O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**”, na página 130.

“Não espanta que toda tentativa de fusão entre capitalismo e socialismo resulte numa contradição ainda mais funda: quando os socialistas desistem da estatização integral dos meios de produção e os capitalistas aceitam o princípio do controle estatal, o resultado, hoje em dia, chama-se ‘terceira via’. Mas é, sem tirar nem pôr, economia fascista. De um lado, burgueses cada vez mais ricos, mas – como dizia Hitler – ‘de joelhos ante o Estado’. De outro, um povo cada vez mais garantido em matéria de alimentação, saúde, habitação, etc., mas rigidamente escravizado ao controle estatal da vida privada.” (BRASIL, 2014)

Como é perceptível, o pensamento exposto acima, quer no fundo dizer, que o fascismo, mais precisamente o seu “modelo econômico”, é um caminho para o comunismo, ou melhor dizendo, um meio termo entre o capitalismo de livre mercado, com o seu “estado mínimo”, e o totalitarismo, cujas representações máximas, imagina-se, sejam Joseph Stálin e Mao Tsé-Tung.

Mas antes de prosseguirmos com uma série de exposições sobre o pensamento direitista que une fascismo e/ou nazismo com o comunismo, vejamos, academicamente, a dificuldade de se precisar sua posição no espectro político.

Em primeiro lugar, o próprio fascismo não contém uma fórmula precisa, como pode-se dizer, de certa forma, da esquerda e da direita. Segundo Robert O. Paxton:

O fascismo não se baseia de forma explícita num sistema filosófico complexo, e sim no sentimento popular sobre as raças superiores, a injustiça de suas condições atuais e seu direito a predominar sobre os povos inferiores. Esse regime não recebeu embasamento intelectual de um construtor de sistemas como Marx, ou de alguma grande inteligência crítica, como Mill, Burke ou Tocqueville. (2007, p. 38)

E, só em falarmos em “fascismo”, sem precisar que se está falando do italiano, caímos numa generalização controversa, já que existiram “vários fascismos”:

O fascismo no poder consiste num composto, um amálgama poderoso dos ingredientes distintos, mas combináveis, do conservadorismo, do nacional-socialismo e da direita radical, unidos por inimigos em comum e pela mesma paixão pela regeneração, energização e purificação da Nação, qualquer que seja o preço a ser pago em termos das instituições livres e do estado de direito. As proporções exatas dessa mistura resultam de processos tais como escolhas, alianças, compromissos e rivalidades. O fascismo em ação se assemelha muito mais a uma rede de relações que a uma essência fixa. (PAXTON, 2007, p. 336)

Apesar dessa constatação, o mesmo autor, em certos momentos do livro, arrisca definições rasas, bem básicas mesmo, para a generalização dos fascismos como um só fascismo: “[...] uma curiosa mistura de patriotismo de veteranos e de experimento social radical, uma espécie de “nacional-socialismo””. (PAXTON, 2007, p. 16) Posteriormente, inda arrisca mais: “[...] mistura de nacionalismo, anticapitalismo, voluntarismo e violência ativa contra seus inimigos, tanto burgueses quanto socialistas.” (PAXTON, 2007, p. 20)

Tamanha complexidade diante de definições que se contradizem, entre perspectivas opostas, sem que se chegue racionalmente a uma definição precisa e majoritariamente aceita no meio acadêmico, citamos ainda Paxton, para chegarmos até Norberto Bobbio, e assim prosseguirmos com a explanação:

Diante desses conflitos entre palavras e atos, no que se referia ao capitalismo, os estudiosos chegaram a conclusões opostas. Alguns, tomando literalmente as palavras, consideram o fascismo uma forma radical de anti-capitalismo. Outros, e não apenas os marxistas, adotam a posição diametralmente oposta, de que os fascistas vieram em socorro do capitalismo em apuros, dando sustentação, por meio de medidas emergenciais, ao sistema vigente de distribuição da propriedade e de hierarquia social. (PAXTON, 2007, p. 26)

Como vimos, *entre os próprios acadêmicos há uma divergência similar — se não igual — à existente entre direita e esquerda, em relação à posição do fascismo no espectro político — se mais à direita ou se mais à esquerda —, tão comum a esta monografia.*

Antes de Bobbio, vejamos o que nosso representante da direita pensa sobre a perspectiva adotada pelos marxistas:

[...] equivocada crença de que fascismo e comunismo são opostos. Na realidade, eles estão intimamente relacionados e, historicamente, têm competido pelas mesmas bases, buscando dominar e controlar o mesmo espaço social. O fato de aparecerem como opostos polarizados é um truque da história intelectual e (mais interessante para o argumento que estou apresentando) o resultado de um esforço concentrado de propaganda da parte dos “vermelhos” para fazer os “pardos” parecerem objetivamente maus e como o “outro” (ironicamente, a demonização do “outro” é considerada um traço definidor do fascismo). Mas, em termos de suas teorias e práticas, as diferenças são mínimas. (GOLDBERG, 2009, p. 16)

Considerando-se essa **perspectiva anti-esquerdista**, de fato, leva-se a crer que tal opção é bem útil aos que dela adotam, assim levando a esse estado de coisas no debate político, que o mesmo autor antes denuncia:

A prioridade mais importante para os integrantes da esquerda não é oferecer alguma resposta a essas questões. Eles prefeririam manter a definição de fascismo dada por Orwell, “qualquer coisa não desejável”, desse modo conseguindo ocultar de olhares inquisitivos suas próprias inclinações fascistas. (GOLDBERG, 2009, p. 15)

Para os leitores que, por acaso, jamais tenham tido contato com esse tipo de perspectiva direitista do fascismo, não para defender esta outra, mas para torna-la mais clara à vossa compreensão, trago mais citações onde o mesmo aponta as “raízes fascistas” da esquerda. Além do próprio progressismo, para Goldberg, o primeiro movimento fascista foi a Revolução Francesa. (2009, p. 21). E, mais à frente, ele completa o que seriam as implicações dessa “verdade”:

A direita americana e os liberais clássicos [no caso deste livro, “liberais clássicos” é o mesmo que “liberais de direita”, pois quando fala em “liberais”, ele se refere à esquerda americana, como o Partido Democrata] valorizam orgulhosamente a Revolução Americana, que foi essencialmente conservadora, mas estremecem diante dos horrores e desvarios do jacobinismo. Mas, se a Revolução Francesa era fascista, então seus herdeiros teriam de ser vistos como frutos dessa árvore envenenada e, por fim, o próprio fascismo seria *corretamente* posto no lugar que lhe cabe na história da esquerda. Mas, como isso causaria uma desordem sísmica na visão de mundo esquerdista, eles adotam a dissonância cognitiva e recorrem a um golpe de mão terminológico. (GOLDBERG, 2009, p. 22)

No entanto, ele também não chega ao cúmulo de dizer que são ambos a mesma coisa, que esquerdistas liberais são idênticos aos fascistas; a certo momento, pontua as suas diferenças óbvias, dentro, é claro, das suas verdades:

Pois o que chamamos de liberalismo — o edifício reformado do progressismo americano — é, de fato, um descendente e uma manifestação do fascismo. Isso não significa que seja a mesma coisa que nazismo. Nem que seja irmão gêmeo do fascismo italiano. Mas o progressismo foi um movimento irmão do fascismo, e o liberalismo de hoje é o filho do progressismo. Seria possível forçar a comparação e dizer que o liberalismo de hoje é o bem-intencionado sobrinho do fascismo europeu. Dificilmente, seria ele idêntico a seus parentes mais feios, mas, ainda assim, exhibe embaraçosos traços comuns de família que poucos admitirão reconhecer. (GOLDBERG, 2009, p. 10)

Mas, ainda assim, persiste em tal associação, que é a base de todo o seu referido livro, cuja a rubra capa, tem em seu centro um *emoticon* amarelo e sorridente com um bigode similar ao de Hitler — uma clara alusão à ideia do esquerdismo americano como um “fascismo bem-intencionado”:

Novamente, meu argumento é que o liberalismo americano é uma religião política totalitária, mas não necessariamente do tipo orwelliano. É gentil, não brutal. Embala, não abala. Mas é, indiscutivelmente, totalitária — ou “holística”, se preferirem — no

sentido de que o liberalismo não vê hoje nenhuma área da vida humana que não esteja investida de significância política, desde o que você come até o que você fuma e o que você diz. (GOLDBERG, 2009, p. 23)

Expostos por tantas vezes — com o único fim de exemplificação, reafirmo —, os pensamentos que traduzem essa perspectiva mais direitista sobre o fascismo, passemos para uma visão mais neutra sobre essas correntes acadêmicas concorrentes entre si. Inicialmente, a definição presente no Dicionário de Política:

Em geral, se entende por Fascismo um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; por objetivos de expansão imperialista, a alcançar em nome da luta das nações pobres contra as potências plutocráticas; pela mobilização das massas e pelo seu enquadramento em organizações tendentes a uma socialização política planejada, funcional ao regime; pelo aniquilamento das oposições, mediante o uso da violência e do terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa; por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

A partir daí, no mesmo dicionário, Bobbio nos esclarece, introdutoriamente, as várias possibilidades de teorização do fascismo, mas sem tocar necessariamente na tendência natural de direitistas preferirem uma mais que outra, e vice-versa:

Há diversos critérios de classificação das teorias relativas ao Fascismo: o cronológico, o político-ideológico, o disciplinar e o sistemático — só para citar os mais usados — que podem ser diversamente combinados entre si, dando origem a tipologias mais ou menos complexas. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

Parte crucial para um melhor entendimento das considerações que farei adiante, é entender que, para o mesmo autor, mundialmente respaldado, “as teorias sobre o Fascismo podem ser divididas em duas grandes categorias: em teorias singularizantes e teorias generalizantes”. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

E é sobre as segundas que focaremos — prestando atenção às citações de Paxton, percebe-se que procura considerar as duas, mas tendendo mais à segunda, já que arrisca uma definição generalista —, portanto, vejamos como ele as define:

[...] teorias que consideram o Fascismo como um fenômeno supranacional que apresentou, nas diversas formas de que historicamente se revestiu, características essencialmente análogas, resumíveis num conjunto de fatores homogêneos. Conforme os fatores considerados, assim são as definições e o campo de aplicação do conceito. As teorias generalizantes podem, por sua vez, subdividir-se em duas subcategorias, respectivamente definíveis como intrapolíticas e transpolíticas. As primeiras referem-se a fatores histórico-políticos determinados, historicamente individualizáveis; as segundas, a fatores a-históricos, inerentes à natureza humana, ao caráter repressivo da cultura, às características imanentes à luta política e por aí além. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

A partir do enfoque nessa categoria, também faz-se preciso destacar...

Que o Fascismo italiano e o nacional-socialismo alemão, malgrado as diferenças devidas às particularidades das respectivas histórias nacionais, hajam de ser considerados como especificações de um modelo de dominação essencialmente único, é coisa que tem sido sustentada pela maior parte dos estudiosos contemporâneos, independentemente das suas posições ideológicas e políticas. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

Também destaca-se essa concorrência entre perspectivas, que não é mera especulação minha, mas factual, diante do panorama dos estudos sobre o fascismo, iniciados ainda nos anos 1920:

As hipóteses explicativas que estes esquemas sugerem são diversas, quando não claramente alternativas, dependendo, em várias medidas, do tipo de fatores preferidos, do nível de análise em que se situam e da diversidade de paradigmas a que se referem. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

Mais adiante, Norberto Bobbio resume as subdivisões variantes dentro da categoria generalizante. Neste momento, tratando da perspectiva adotada pelos nossos direitistas atuais — leia-se aqui, tanto os ditos **libertários, liberais clássicos ou conservadores**, todos defensores do “estado mínimo”, portanto “**minarquistas**” ou, em casos mais extremos, “**anarcocapitalistas**”, aqueles que o próprio considera como sendo “centro-direita” em seu outro livro (1995, p. 119) —, passemos para ao que ele chama de “**O fascismo como totalitarismo**”, a início definido da seguinte forma:

O quadro constituído, direta ou indiretamente, pelas teorias da sociedade de massa; à dinâmica das relações entre as classes

sucedem, como principal fator explicativo do surgimento dos fenômenos do autoritarismo moderno, a dinâmica das relações entre as massas e as elites num contexto caracterizado pela decomposição do tecido social tradicional, pelo desabate dos sistemas de valores comuns, pela atomização e massificação dos indivíduos, e por uma crescente burocratização. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

Por consequência, é então destacada a tendência de equivaler-se o fascismo com o comunismo, tão usado na direita — não com este exato sentido ou considerando a discussão central desta monografia, claro:

O aspecto central desta teoria, e ao mesmo tempo o mais criticado, é a **subsunção sob uma mesma categoria, a do Estado totalitário, dos regimes fascistas e comunistas, com base em analogias existentes na estrutura e técnicas de gestão do poder político** (grifo nosso). São, com efeito, estas analogias — verificáveis independentemente dos fins declarados que se tem em vista dos precedentes históricos e do conteúdo das respectivas ideologias — que os teóricos do totalitarismo privilegiam no plano descritivo e admitem como problema principal no plano explicativo. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

Destrinchando mais ainda essa perspectiva generalizante que chama a atenção para “as diferenças qualitativas existentes entre as formas tradicionais de autoritarismo e as modernas” (2003), o referido autor complementa:

As razões do sucesso dos regimes totalitários são geralmente postas no declínio do sistema liberal burguês e, especialmente, na dissolução do sistema classista, que é ao mesmo tempo causa e condição da sua sobrevivência. Mas o que mais interessa aos defensores da teoria clássica do totalitarismo são os mecanismos de funcionamento do Estado totalitário no âmbito de uma morfologia mais geral dos sistemas políticos. Numa tal perspectiva, as diferenças existentes entre os regimes fascistas e comunistas, bem como as verificáveis no interior de cada um deles, conquanto não negadas, perdem importância: uns e outros, na medida em que apresentam essa particular combinação de elementos que definem o Estado totalitário, pertencem à mesma classe de fenômenos e expressam a feição que assume o autoritarismo na sociedade moderna. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

Como podemos bem concluir, para um jurista, é válido considerar-se fascismo e comunismo como similares em totalitarismo, num contexto onde o mesmo é visto como repulsivo, como um mal, tão bem dramatizado em alguns romances distópicos.

Todavia, não só é apresentada a teoria clássica do totalitarismo, como é também problematizada, no sentido de que não se nega que está sujeita a numerosas críticas. Assim, é primeiramente pontuado que...

[...] parece hoje dificilmente sustentável a hipótese de que a origem e sucesso dos movimentos fascistas estariam relacionados com o conjunto de fenômenos compreendidos no conceito de "sociedade de massa". Pesquisas recentes demonstraram que, nos países onde o Fascismo se consolidou, o sistema de estratificação era muito mais rígido, o peso das estruturas tradicionais muito mais forte e o grau de "atomização" — no sentido de falta de estruturas associativas intermediárias — muito menor que em outros onde o Fascismo jamais se ofereceu como alternativa concreta. A tentativa de explicar o processo de introdução do Fascismo com base na dinâmica das relações entre massas privadas de uma clara conotação de classe também contradiz um dado empírico já seguro, ou seja, a base constituída de massas predominantemente pequeno-burguesas dos movimentos fascistas e sua coligação com amplos setores da burguesia agrária e industrial, antes e depois da tomada do poder. Finalmente, esta teoria não consegue fornecer uma explicação aceitável sobre o problema da função histórica dos regimes fascistas, oscilando entre uma resposta de tipo não racional — os regimes totalitários seriam neste caso uma espécie de experimento monstruoso de engenharia social, tendo como fim a criação de um novo tipo de homem-máquina totalmente heterodirigido — e a renúncia explícita ao momento explicativo em favor de uma morfologia dos sistemas totalitários. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

Além disso, como diz Bobbio (2003) também é pontuada uma segunda série de problemas, que dizem respeito à própria utilidade do conceito de totalitarismo, posto que, como instrumento, não permitiria discriminar entre regimes que, apresentadas as analogias do funcionamento do sistema político, no mais...

[...] diferem em outros aspectos importantes como os relativos à constelação das forças que favoreceram o seu triunfo, à relação entre as velhas e as novas elites, ao tipo de interferência na estrutura econômico-social e às suas conseqüências. Os que pensam que tal conceito ainda conserva uma certa valia no plano descritivo têm afirmado constantemente a necessidade de uma mais ampla tipologia dos sistemas totalitários, baseada na análise comparada dos diversos regimes, capaz de levar em conta as diferenças. É daí que surgiu a tendência de compreender dentro do mesmo tipo o Fascismo italiano e o nacional-socialismo alemão, com base nas analogias observáveis não só nas técnicas de gestão do poder político, como também na ideologia, na base social e na função histórica dos dois regimes. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

Portanto, a perspectiva a qual os direitistas mais se apegam, não é por si só irrefutável ou completamente refutável, mas em verdade limitada, podendo seu uso ser consideravelmente tendencioso.

Para completarmos esta seção referente à perspectiva direitista, vejamos o que diz outro autor mais neutro, quanto à já explicada perspectiva generalizante focada no fascismo como totalitarismo:

Os teóricos do totalitarismo da década de 1950 acreditavam que Hitler e Stálin eram os que se encaixavam de maneira mais exata em seu modelo. Tanto a Alemanha nazista quanto a Rússia soviética, segundo os critérios desenvolvidos por em 1956 por Carl Friedrich e Zbigniew K. Brzezinski, eram governadas por partidos únicos, empregavam uma ideologia oficial, usavam um controle policial terrorista e tinham o monopólio do poder sobre todos os meios de comunicação, sobre todos os meios de comunicação, sobre as forças armadas e sobre a organização econômicas. [...] Em fins do século XX, após a queda da União Soviética ter suscitado a intensificação dos estudos sobre suas mazelas e sobre a cegueira de muitos intelectuais ocidentais, que se recusavam a admiti-las, o modelo totalitário voltou à moda, juntamente com o seu corolário de que o nazismo e o comunismo representavam um mesmo mal. (PAXTON, 2007, p. 346)

Pontuo também a oportuna escolha feita, de expor a perspectiva de Goldberg e a de igualar-se fascismo com o comunismo, já que, em quanto na primeira tem-se uma crítica ao esquerdismo liberal comum aos dias de hoje, na segunda apenas se restringiria ao marxismo mais ortodoxo, já não mais em voga, aparentemente. Portanto, este trabalho consegue assim, ao falar em “esquerda”, abranger não só a extrema-esquerda marxista, mas a esquerda moderada, quiçá os socialdemocratas.

2.5.2. O fascismo da direita para a esquerda

O que se pode perceber claramente, é que, para os esquerdistas, o fascismo é um fenômeno político de extrema-direita, como se “irmão” fosse do capitalismo liberal, ou pelo menos por ele inspirado ou dele favorecedor.

Como já vimos várias exposições da compreensão direitista do fascismo, não é preciso aqui repeti-las, por isso, passemos para o momento de esmiuçar a perspectiva que tomam os esquerdistas, em contraposição à já vista leitura generalizante do fascismo como totalitarismo.

Tomemos, como primeiro exemplo, o artigo de Carta Capital, **Trump desmoraliza a lei de Godwin**, da autoria de Antonio Luiz M. C. Costa, que logo de início, já se refere à “lei de Godwin” — *um desdobramento do reductio ad Hitlerum*:

Já no distante ano de 1990, a dinâmica dos debates na internet levou o advogado e escritor Mike Godwin a formular o que ficou conhecido como lei de Godwin: “quando uma discussão online se prolonga, a probabilidade de surgir uma comparação envolvendo Adolf Hitler ou o nazismo aproxima-se de 100%”. (COSTA, 2015b)

Mais à frente, ele observa que, no caso dos EUA, a analogia não é mais falaciosa, pois “está se tornando obsoleta”, já que...

A retórica racista de Donald Trump assume atitudes e propostas cuja semelhança com as implantadas pelo nazismo é flagrante. Depois de prometer expulsar onze milhões de imigrantes e seus filhos, prometer um muro na fronteira e fazer o México pagar por ele, propôs para os cidadãos muçulmanos carteiras de identidade especialmente marcadas como as impostas aos judeus no III Reich.

A proposta foi devidamente apontada como fascista não por Hillary Clinton ou Michael Moore, mas por apoiadores dos rivais republicanos Jeb Bush, Marco Rubio e Ted Cruz. (COSTA, 2015b)

Neste primeiro artigo, notamos que a comparação de Trump com o fascismo, dá-se por supostas características “racistas” de sua proposta política, que seria equivalente às de Hitler, no sentido de perseguição às minorias políticas. Guardemos isso como um dos pontos que caracterizam o fascismo no senso comum da esquerda.

Encaremos então, como segundo exemplo desta parte, o artigo de nome “**Da crise à Frente Brasil**”, escrito por Roberto Amaral e publicado em Carta Capital. Nele, o autor já começa dizendo que...

A defesa do mandato legal e legítimo da presidente Dilma Rousseff é prioridade que se impõe à luta dos **liberais e progressistas de um modo geral, e, de forma muito particular, à ação das forças de esquerda e suas organizações** (grifo nosso). Defender a Constituição, afinal, é o dever de todos os democratas. (AMARAL, R., 2015)

Note-se aí, conforme o grifo feito por mim, que o texto, assim publicado em Carta Capital, resume a crença que se tem sobre a rotulagem político-ideológica dos leitores da mesma, numa tendência de dizer-se esquerda moderada, democrática e progressista — prefiro não entrar no mérito da discussão sobre o quão de esquerda ou de direita são estes portais, se estão tendendo ao centrismo ou ao extremismo.

Quase imediatamente, nesse texto, apresenta-se **uma noção de direita bastante enviesada**, no sentido da polarização em que foco ao longo do trabalho, sendo por si só **um dos melhores exemplos desse uso tendencioso do termo “fascista”, em relação à esquerda**, visto que demonstra uma compreensão até mais pessimista sobre o seu opositor — a direita como um todo, ou ao menos uma caricatura dela — do que a apresentada por Goldberg, já que o referido autor vê a esquerda como “fascista liberal”, não negando a ela o adjetivo de “bem-intencionada”, como já vimos.

[...] a tentativa de depor a presidente Dilma, via *impeachment* ou isso ou aquilo não é o objetivo final da onda conservadora, mas, tão-só o meio de que se vale a direita brasileira em seu projeto de reconquista do poder, a qualquer custo, para nele, desta feita, instalar uma

república conservadora, ainda mais intolerante do que aquela que foi a base e a obra do golpe militar de 1964. (AMARAL, R., 2015)

Depois disso, o autor prossegue com sua crítica a uma suposta onda reacionária de uma direita crescente — uso do “suposta” para me abster de concordar ou discordar, não para sutilmente desmerecer —, referindo-se então ao costume da direita de associar qualquer traço fascista logo a um comportamento de esquerda, que de fato acontece, como já tivemos prova, pelo menos em Veja. Vejamos:

Só os mais ridículos fanáticos do livre mercado (inclusive um comentarista da *Globo* e *Estadão*), indiferentes a seu racismo, mas irritados pelas propostas de políticas protecionistas para a indústria estadunidense (inclusive imposto de 35% sobre carros importados do México) insistiram em tentar caracterizá-lo, em vez disso, como um “peronista esquerdista”. (AMARAL, R., 2015)

O autor, em seguida, adota um discurso de quem prevê os rumos do país se controlado pelos anseios direitas, momento em que também usa de uma variação do termo “fascista”:

Não se trata, apenas, de golpear uma mandatária legitimada pela voz soberana dos votos; trata-se, mais, de **abrir caminho para a instauração de um regime autoritário de raízes profascistas** (grifo nosso), antecipado nas palavras de ordem que ecoam nas ruas e nos meios de comunicação de massa. A direita mira um horizonte para além de 2016 e 2018. (AMARAL, R., 2015)

A partir daí, é que aumenta as comparações, num tom mais explicativo, elucidando por fim o que compreende-se nesse meio como características fascistas:

A direita, no Brasil e no mundo, não guarda qualquer apreço seja pela democracia, seja pela ética, seja pela moralidade. (grifo nosso) Esses valores não passam de meio subordinado ao projeto final, perseguido e muitas vezes alcançado a qualquer custo [...] O projeto da direita brasileira não é mesmo, tão-só, **a desmoralização política da esquerda com vistas a eventual retomada do poder em 2018; seu objetivo de médio e longo prazos mira uma sociedade autoritária.** (grifo nosso) O *moloch* reacionário, em sua fome insaciável de poder, pretende consumir as conquistas sociais, políticas e econômicas das últimas décadas. [...] **O capitalismo reage assim, com violência, em todos os momentos de crise.** (grifo nosso) Essa é, por exemplo, a história do século XX, com suas crises, suas convulsões, suas guerras e suas ditaduras. **Essa é a história do autoritarismo, da xenofobia, dos fundamentalismos e, em alguns momentos, a história do antissemitismo.** (grifo nosso) Quando a crise econômica ameaça a acumulação capitalista, a alternativa é conter o andar de baixo para preservar os interesses do andar de cima. E eis a que serve o Estado autoritário. (AMARAL, R., 2015)

Não é preciso alongar-se muito sobre o quão vem a calhar este artigo, quando se tem o intuito de bem ilustrar uma conceituação de fascismo comum à “corrente de

esquerda” em que se encontra Carta Capital. Listemos o que se entende por fascismo aqui: *uma tendência autoritária da direita, reacionária em sua essência, além de um instrumento de violência do capitalismo contra as minorias já oprimidas, para superar as suas crises — aqui, entendidas como cíclicas.*

Primeiro, note-se que não há o uso dos termos “totalitário” ou “totalitarismo”, afinal, como também já vimos, esse tipo de abordagem generalizante é mais comum à direita. Mas qual seria a adotada pela esquerda, então? Tomando-se esses dois exemplos como base, podemos dizer que melhor se encaixam na abordagem do **“fascismo como uma ditadura aberta da burguesia”**:

Dentro desta interpretação, é conveniente distinguir a formulação “clássica” — resumível nas teses elaboradas pela Terceira Internacional comunista a partir de meados dos anos 30 — dos seus posteriores desenvolvimentos, que reassumem temas e idéias já presentes no debate iniciado pelos componentes do marxismo europeu desde a tomada do poder pelo Fascismo na Itália, reelaborando-os em função de uma análise menos esquemática das relações entre estrutura e supra-estrutura, entre esfera econômica e esfera política. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

À esta altura, vale citar a percepção de um teórico mais à direita, sobre essa formulação marxista mais clássica — aparentemente, stalinista:

[...] Stálin concebeu a brilhante tática de simplesmente chamar de “fascistas” todas as ideias e movimentos inconvenientes. Socialistas e progressistas alinhados com Moscou eram chamados de socialistas ou progressistas, enquanto socialistas desleais ou que se opunham a Moscou eram chamados de fascistas. (GOLDBERG, 2009, p. 18)

Mas, continuemos no Dicionário de Política de Bobbio — nesta monografia, apresentado, junto com Robert O. Paxton, como autor relativamente mais neutro, não sob a crença de que a neutralidade seja menos um ideal que uma possibilidade real, mas em mero comparativo com um autor direitista assumido —, com o resumo que faz desse “ditame stalinista”:

Na primeira formulação, as origens do Fascismo como fenômeno internacional são relacionadas com a **crise histórica do capitalismo em seu estágio final, o do imperialismo, e com a necessidade que a burguesia tem, em face do agravamento das crises econômicas e da exacerbação do conflito de classes, de manter o seu domínio, intensificando a exploração das classes subalternas e, em primeiro lugar, da classe operária.** (grifo nosso) O imperialismo envolve a tendência a transformar em sentido reacionário as instituições da burguesia, e o Fascismo é a expressão mais coerente dessa tendência. Ele constitui uma das formas do Estado capitalista, precisamente a caracterizada pela ditadura aberta da burguesia, exercida já sem a mediação das instituições da democracia

parlamentar. A Itália e a Alemanha, como elos mais fracos da cadeia imperialista, foram as primeiras a experimentar esta forma de dominação, mas essa mesma ameaça impende sobre os demais Estados capitalistas. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

Conforme o grifo, vemos que encaixam-se perfeitamente à perspectiva resumida e àquela igualmente presente no artigo de Roberto Amaral, em Carta Capital. Então...

São dois os elementos centrais deste tipo de análise: a concepção instrumental dos partidos e dos regimes fascistas, considerados como expressão direta dos interesses do grande capital, e a sua função essencialmente contra-revolucionária no duplo sentido de ataque frontal contra as organizações do proletariado e de esforço por frear o curso do desenvolvimento histórico. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

Quando afirma-se, de forma tão veemente, que o fascismo nada mais é que um produto de um capitalismo em crise, logo “fruto liberal”, cabe trazer à tona que”:

Os fascistas odiavam os liberais tanto quanto odiavam os socialistas, mas por razões diferentes. Para eles, a esquerda socialista e internacionalista era o inimigo, e os liberais eram os cúmplices do inimigo. Com seu governo não-intervencionista, sua crença no debate aberto, seu pouco controle sobre a opinião das massas e sua relutância a recorrer ao uso da força, os liberais, aos olhos dos fascistas, eram guardiões da nação culposamente incompetentes no combate à luta de classes desencadeada pelos socialistas. (PAXTON, 2007, p. 43)

E não se trata apenas de adotar ou não uma perspectiva enviesada sobre a definição do que vem a ser um “fascista” e os seus ideais e forma de governo, mas, no caso de Carta Capital, ao que parece, também há como problemática uma certa desatualização sobre o debate acadêmico de viés marxista das últimas décadas:

A teoria do Fascismo como ditadura da burguesia constitui ainda hoje a chave interpretativa **predominante nos estudos que têm como modelo de referência o marxismo e a sua concepção da mudança histórica.** (grifo nosso) Com o tempo, porém, ela passou por uma certa revisão que tornou mais problemáticos alguns nexos, particularmente os existentes entre burguesia e Fascismo, entre movimentos e regimes fascistas, entre capitalismo, democracia e Fascismo. Esta revisão é o resultado de uma reflexão teórica que teve efeito importantes em vários sentidos. O primeiro deles foi a **atenuação do economicismo presente nas primeiras formulações e o reconhecimento de uma relativa autonomia da esfera política com relação à esfera da economia.** (grifo nosso) Isso trouxe consigo uma mais aprofundada análise das crises de onde emergiram os regimes fascistas; uma articulação mais complexa da relação entre Fascismo e classes sociais; uma consideração mais atenta dos aspectos institucionais dos regimes fascista», da lógica do seu funcionamento, das bases da sua legitimação. **Mas não modificou a concepção do Fascismo como forma particular de ditadura da**

burguesia (grifo nosso), embora esta fosse atenuada pelo reconhecimento da autonomia relativa dos Estados fascistas em face do grande capital, no âmbito de uma convergência comum para objetivos imperialistas. (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003)

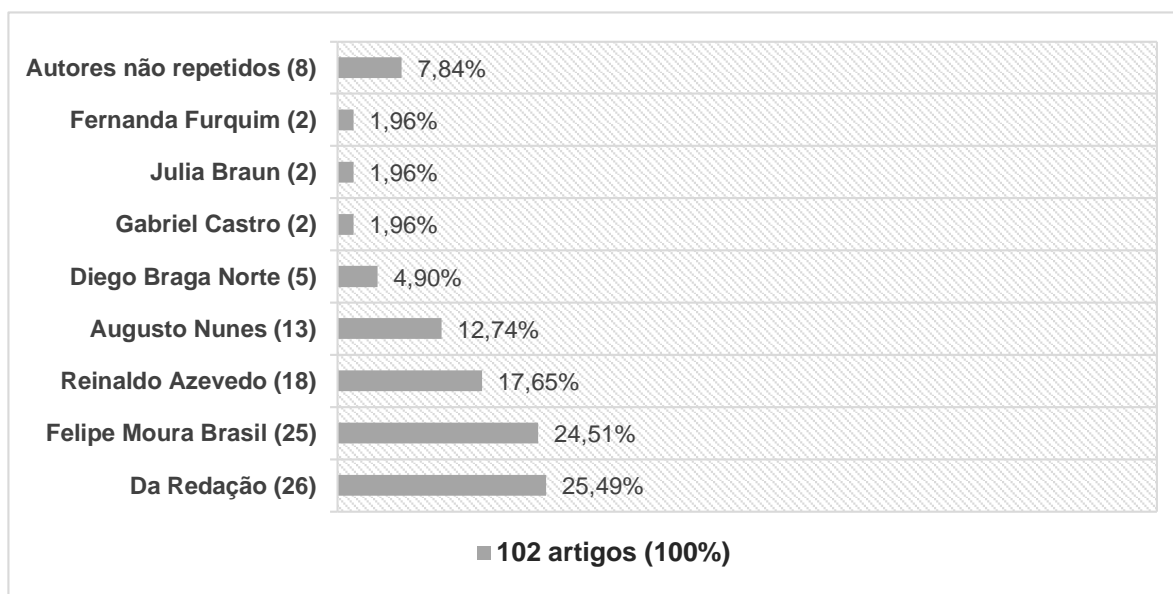
Por fim desta seção, apresento-lhes a definição a que chega o outro autor mais neutro — Bobbio, por sua vez, não mostra-se interessado a ele próprio decidir por uma definição mais usável, até porque, na obra tomada como referência, o tema é apresentado como verbete dum dicionário, não como um artigo explanatório —, ao fim de seu livro, onde procura expor a “**anatomia do fascismo**”:

O fascismo tem que ser definido como uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza. (PAXTON, 2007, p. 359)

2.6. RECORRÊNCIAS DE AUTORES ENTRE OS ARTIGOS DA ANÁLISE

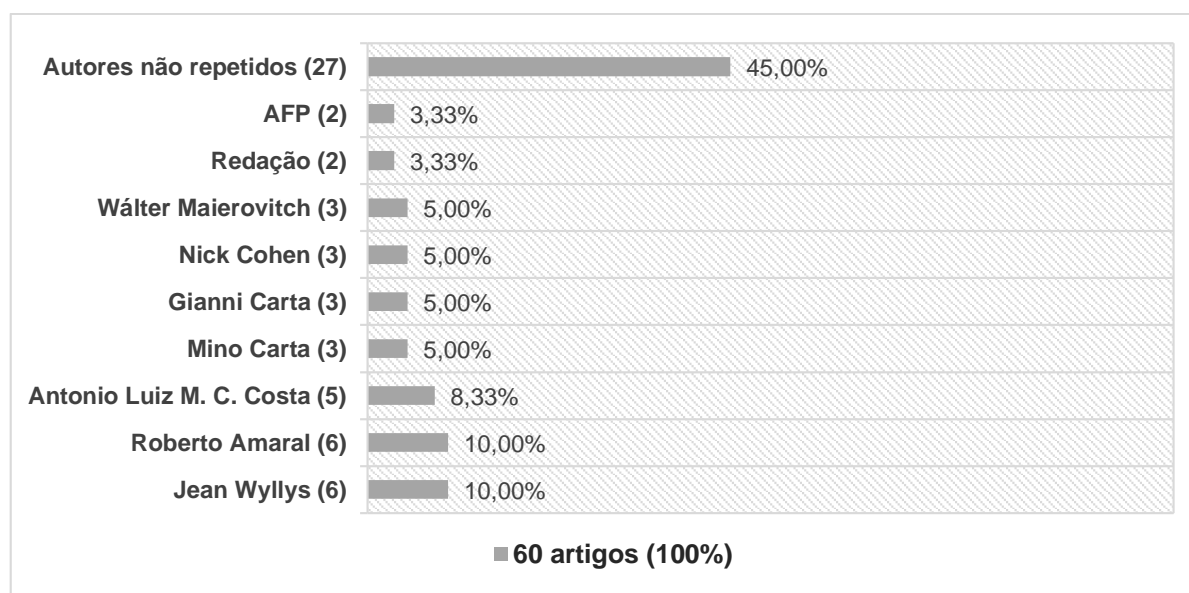
Conforme veremos, *tanto em Veja quanto em Carta Capital, há uma tendência de alguns autores predominantes, proporcionalmente ao número de ocorrências de uso do termo “fascista”, ou seja, alguns destes autores falam mais em fascismo e/ou acusam mais os outros de “fascista”, comparados ao todo de seus colegas, por assim dizer. Vejamos então nos dois gráficos a seguir:*

Gráfico 6 – Veja: porcentagem de aparição dos autores



Como se percebe, analisável tão facilmente, o gráfico mostra que, dos 102 artigos totais de Veja, desconsiderando os tipos específicos de uso do termo “fascista”, durante os 26 meses isolados, *predominam os artigos creditados à redação* (26 artigos, 25,49% do total de 102) e a Felipe Moura Brasil (25 artigos, 24,51% do total de 102), *consistindo na metade desse total*. Sendo assim, dos resultados estatísticos resultantes da análise desses artigos, *uma boa parte dessas opiniões de como usar-se o termo “fascista”, correspondiam à exata linha editorial assumida pelo portal* ($\frac{1}{4}$ do total), e em seguida, às opiniões não tão diferentes de, em ordem de decrescente de ocorrências: **Felipe Moura Brasil**, com $\frac{1}{4}$ desse total; **Reinaldo Azevedo**, com 17,65% dos 102 artigos; **Augusto Nunes**, com 12,74% dos 102 artigos; os autores que não se repetiram, com 7,84% dos 102 artigos; **Diego Braga Norte**, com 4,90% dos 102 artigos; **Gabriel Castro**, com 1,96% dos 102 artigos; **Julian Brun**, com 1,96% dos 102 artigos; e **Fernanda Furquim**, com 1,96% dos 102 artigos.

Gráfico 7 – Carta Capital: porcentagem de aparição dos autores



Como se percebe, da mesma forma como o outro, o gráfico mostra que, dos 60 artigos totais de Carta Capital, desconsiderando os tipos específicos de uso do termo “fascista”, durante os 26 meses isolados, *predominam os artigos dos autores que não se repetiram* (27 artigos, 45,00% do total de 60), *consistindo quase na metade desse total*. Sendo assim, dos resultados estatísticos resultantes da análise desses artigos, *uma boa parte dessas opiniões sobre como usar-se o termo “fascista”, correspondiam*

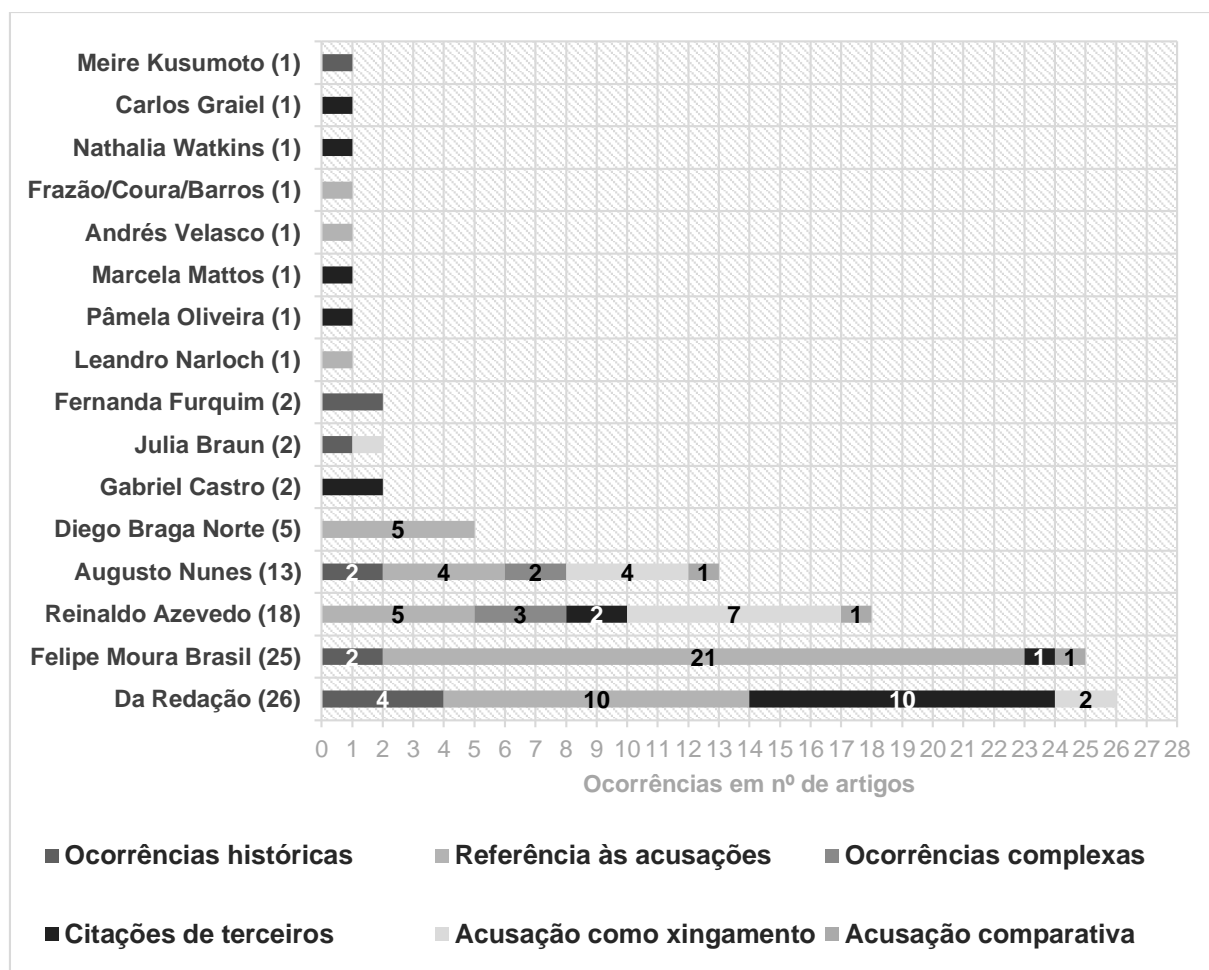
a *autores diversos* (27/60), e em seguida, às opiniões não tão diferentes de, em ordem de decrescente de ocorrências: **Jean Wyllys**, com 10% desses 60 artigos; **Roberto Amaral**, com 10% desses 60 artigos; **Antonio Luiz M. C. Costa**, com 8,33% dos 60 artigos; **Mino Carta**, com 5% dos 60 artigos; **Gianni Carta**, com 5% dos 60 artigos; **Nick Cohen**, com 5% dos 60 artigos; **Wálter Maierovitch**, com 5% dos 60 artigos; **os artigos creditados à redação**, com 3,33% dos 60 artigos; e a **AFP**, com 3,33% dos 60 artigos.

Partindo da exposição do panorama geral de ambos, partiremos para um olhar mais aprofundado sobre os costumes dos autores desses portais, com porcentagens.

2.6.1. Costumes dos autores de Veja

Inicialmente, vejamos o gráfico:

Gráfico 8 – Quantificação dos artigos de Veja, divididos pelos tipos de uso do termo "fascista", separados por seus respectivos autores



Mais detalhado que é, percebemos então as tendências de uso do termo “fascista” entre os autores do portal — considerando o uso histórico e todo o uso cotidiano e suas categorias específicas.

Agora, é válido verificar e expor quais as especificidades dos principais autores, através das recorrências destes em cada uma das categorias.

Das ocorrências de **uso histórico** do termo “fascista”, em ordem decrescente de recorrências, encontramos **13 ocorrências**, das quais: **4 artigos creditados à redação** (30,77% da categoria, 15,38% do autor); **2 artigos de Felipe Moura Brasil** (15,38% da categoria, 8% do autor); **2 artigos de Augusto Nunes** (15,38% da categoria, 15,38% do autor); **2 artigos de Fernanda Furquim** (15,38% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Julia Braun** (7,69% da categoria, 50% do autor); e **1 artigo de Meire Kusumoto** (7,69% da categoria, 100% do autor).

Das ocorrências de **uso cotidiano** do termo “fascista” como **referência às acusações de fascismo**, em ordem decrescente de recorrências, encontramos **48 ocorrências**, dos quais: **21 artigos de Felipe Moura Brasil** (43,75% da categoria, 84% do autor); **10 artigos creditados à redação** (20,83% da categoria, 38,46% do autor); **5 artigos de Reinaldo Azevedo** (10,42% da categoria, 27,78% do autor); **5 artigos de Diego Braga Norte** (10,42% da categoria, 100% do autor); **4 artigos de Augusto Nunes** (8,33% da categoria; 30,77% do autor); **1 artigo de Leandro Narloch** (2,08% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Andrés Velasco** (2,08% da categoria, 100% do autor) ; e **1 artigo do trio Frazão, Coura e Barros** (2,08% da categoria, 100% do autor).

Das ocorrências de **uso cotidiano** do termo “fascista” em **casos complexos**, em ordem decrescente de recorrências, encontramos **5 ocorrências**, das quais: **3 artigos de Reinaldo de Azevedo** (60% da categoria, 16,67% do autor); e **2 de Augusto Nunes** (40% da categoria, 15,38% do autor).

Das ocorrências de **uso cotidiano** do termo “fascista” em **citações de terceiros**, em ordem decrescente de recorrências, encontramos **19 ocorrências**, das quais: **10 artigos creditados à redação** (52,63% da categoria, 38,46% do autor); **2 artigos de Reinaldo de Azevedo** (10,53% da categoria, 11,11% do autor); **2 artigos de Gabriel Castro** (10,53% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Pâmela Oliveira** (10,53% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Marcela Mattos** (10,53% da categoria,

100% do autor); **1 artigo de Nathalia Watkins** (10,53% da categoria, 100% do autor); e **1 artigo de Carlos Graiel** (10,53% da categoria, 100% do autor).

Das ocorrências de **uso cotidiano** do termo “fascista” em **acusações como xingamento**, em ordem decrescente de recorrências, encontramos **14 ocorrências**, das quais: **7 artigos de Reinaldo de Azevedo** (50% da categoria, 38,89% do autor); **4 artigos de Augusto Nunes** (28,57% da categoria, 30,77% do autor); **2 artigos creditados à redação** (14,28% da categoria, 7,69% do autor); e **1 artigo de Julia Braun** (7,14% da categoria, 50% do autor).

Das ocorrências de **uso cotidiano** do termo “fascista” em **acusações comparativas**, em ordem decrescente de recorrências, encontramos **3 ocorrências**, das quais: **1 artigo de Felipe Moura Brasil** (33,3% da categoria, 4% do autor); **1 artigo de Reinaldo de Azevedo** (33,3% da categoria, 5,56% do autor); e **1 artigo de Augusto Nunes** (33,3% da categoria, 7,69% do autor).

2.6.2. Costumes dos autores de Carta Capital

Nesta seção, repetir-se-á o mesmo tipo de exposição que o da anterior, mas considerando os 60 artigos restantes para a soma de 162 artigos definitivos totais.

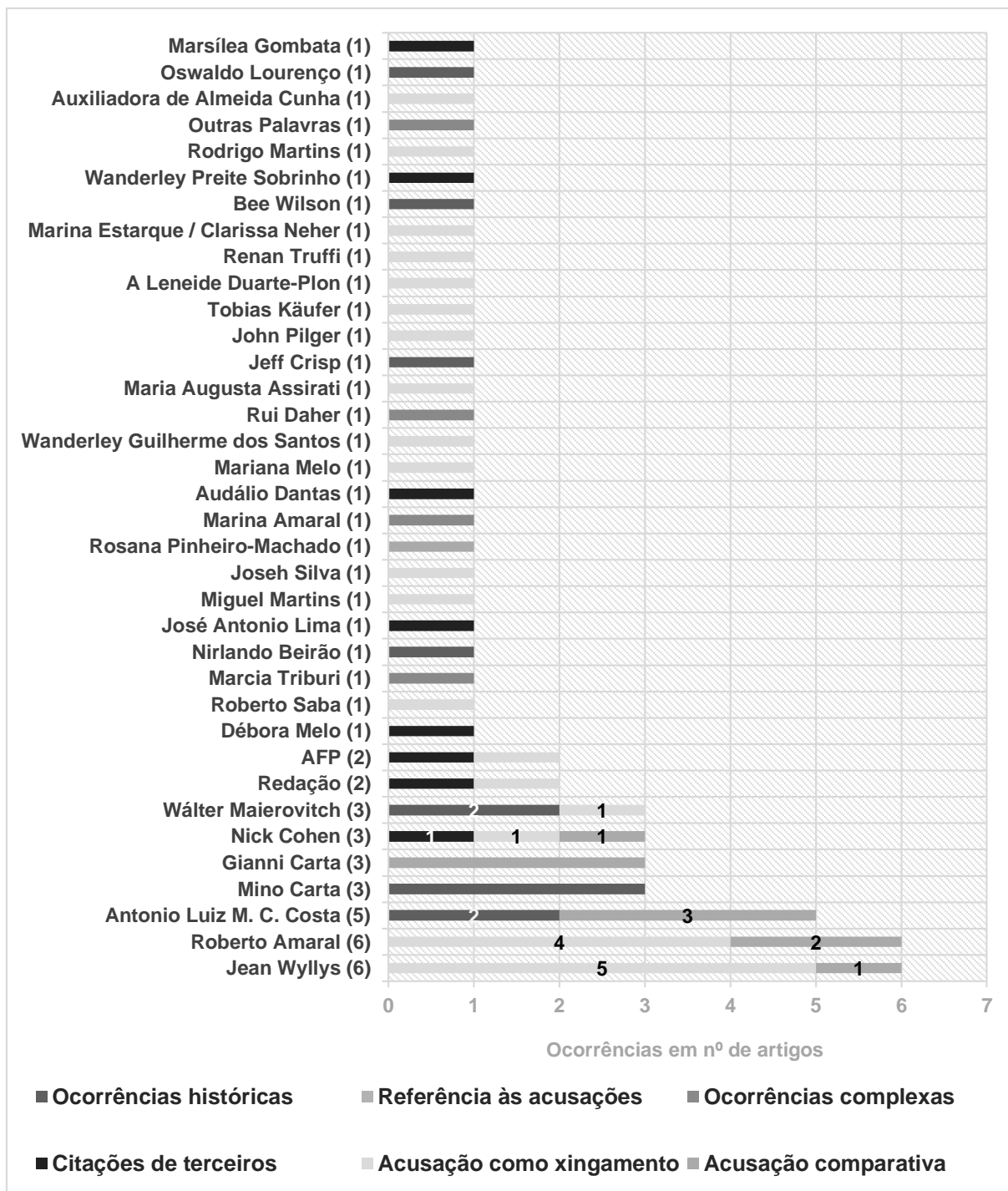
Conforme veremos, *em Carta Capital, há uma variedade maior na quantidade de autores*. Isso, por um lado, permite uma análise mais rica, do ponto de vista dos vários discursos diferentes entre si que se encontra. Afinal, considera-se que cada autor, por mais que inserido esteja em um segmento politicamente polarizado, terá a sua devida particularidade. Logo, esse tipo de situação termina por problematizar inoportunamente os resultados desta discussão em específico, no sentido de que não oferece muitos exemplares de artigos de um determinado autor, para que se possa analisar melhor os seus costumes, como é aqui pretendido.

Mesmo assim, a tentativa é válida, assim como a exposição é necessária. Portanto, levemos em consideração as porcentagens, ainda que constem algumas tão pequeninas. E, apesar disso, é também válido lembrar do grande intervalo de tempo selecionado para o recorte desses artigos, que ultrapassou pouco mais de dois anos (26 meses, precisamente).

Neste ponto já avançado, vale lembra-los de que a análise começa no início do ano de 2014, que começou ainda marcado pelos protestos do ano interior; prossegue com Copa do Mundo FIFA; chega ao clímax com a tão acirrada disputa pela

Presidência da República; e se encerra com Dilma já reeleita. Daí em diante, até o final de fevereiro de 2016, a polarização política só cresceu. Foi muita coisa!

Gráfico 9 – Quantificação dos artigos de Carta Capital, divididos pelos tipos de uso do termo "fascista", separados por seus respectivos autores



Agora que já vimos aquele mesmo gráfico aplicado aos casos de Veja, mas dessa vez aplicado aos casos de Carta Capital, é válido verificar e expor quais as especificidades dos principais autores, através das recorrências destes em cada uma das categorias já tão bem conhecidas por todos a este ponto.

Das ocorrências de **uso histórico** do termo “fascista”, em ordem decrescente de recorrências, encontramos **11 ocorrências**, das quais: **2 artigos de Antonio Luiz M. C. Costa** (18,18% da categoria, 40% do autor); **2 artigos de Wálter Maierovitch** (18,18% da categoria, 66,67% do autor); **1 artigo de Nirlando Beltrão** (9,09% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Jeff Crisp** (9,09% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Bee Wilson** (9,09% da categoria, 100% do autor); e **1 artigo de Oswaldo Lourenço** (9,09% da categoria, 100% do autor).

Das ocorrências de **uso cotidiano** do termo “fascista” como **referência às acusações de fascismo**, como já é sabido, **não foram encontradas ocorrências**.

Das ocorrências de **uso cotidiano** do termo “fascista” em **casos complexos**, em ordem decrescente de recorrências, encontramos **3 ocorrências**, das quais: **1 artigo de Marcia Triburi** (33,33% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Marina Amaral** (33,33% da categoria, 100% do autor); e **1 artigo de Rui Daher** (33,33% da categoria, 100% do autor).

Das ocorrências de **uso cotidiano** do termo “fascista” em **citações de terceiros**, em ordem decrescente de recorrências, encontramos **11 ocorrências**, das quais: **1 artigo de Nick Cohen** (9,09% da categoria, 33,33% do autor); **1 artigo creditado à redação** (9,09% da categoria, 50% do autor); **1 artigo de AFP** (9,09% da categoria, 50% do autor); **1 artigo de Débora Melo** (9,09% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de José Antonio Lima** (9,09% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Audálio Dantas** (9,09% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Wanderley Preite Sobrinho** (9,09% da categoria, 100% do autor); e **1 artigo de Marsílea Gombata** (9,09% da categoria, 100% do autor).

Das ocorrências de **uso cotidiano** do termo “fascista” em **acusações como xingamento**, em ordem decrescente de recorrências, encontramos **27 ocorrências**, das quais: **5 artigos de Jean Wyllys** (18,52% da categoria, 83,33% do autor); **4 artigos de Roberto Amaral** (14,81% da categoria, 66,67% do autor); **1 artigo de Nick Cohen** (3,70% da categoria, 33,33% do autor); **1 artigo creditado à redação** (3,70%

da categoria, 50% do autor); **1 artigo de AFP** (3,70% da categoria, 50% do autor); **1 artigo de Roberto Saba** (3,70% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Miguel Martins** (3,70% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Joseh Silva** (3,70% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Mariana Melo** (3,70% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Wanderley Guilherme dos Santos** (3,70% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Maria Augusta Assirati** (3,70% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de John Pilger** (3,70% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Tobias Käufer** (3,70% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de A Leneide Duarte-Plon** (3,70% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Renan Truffi** (3,70% da categoria, 100% do autor); **1 artigo da dupla Marina Estarque e Clarissa Neher** (3,70% da categoria, 100% do autor); **1 artigo de Rodrigo Martins** (3,70% da categoria, 100% do autor); e **1 artigo de Auxiliadora de Almeida Cunha** (3,70% da categoria, 100% do autor).

Das ocorrências de **uso cotidiano** do termo “fascista” em **acusações comparativas**, em ordem decrescente de recorrências, encontramos **8 ocorrências**, das quais: **3 artigos de Gianni Carta** (37,5% da categoria, 100% do autor); **3 artigos de Antonio Luiz M. C. Costa** (37,5% da categoria, 60% do autor); **2 artigos de Roberto Amaral** (25% da categoria, 33,33% do autor); **1 artigo de Jean Wyllys** (12,5% da categoria, 16,67% do autor); **1 artigo de Jean Wyllys** (12,5% da categoria, 16,67% do autor); **1 artigo de Nick Cohen** (12,5% da categoria, 33,33% do autor); e **1 artigo de Rosana Pinheiro-Machado** (12,5% da categoria, 100% do autor).

Terminada a exposição, podemos concluir que, se por um lado, Carta Capital apresenta autores menos repetitivos num mesmo costume, em relação aos de Veja, por outro lado, *fica explícito que esses costumes de uso cotidiano e acusatório do termo “fascista” — eis ao que se resume o título “Fascismo alheio” —, são disseminados entre grande parte de seus autores.* Em contrapartida, a conclusão a que se chega em relação ao outro portal, é que, *de todos os autores de Veja, alguns são viciados no uso constante do termo “fascista”, sendo aos demais um recurso esporádico.*

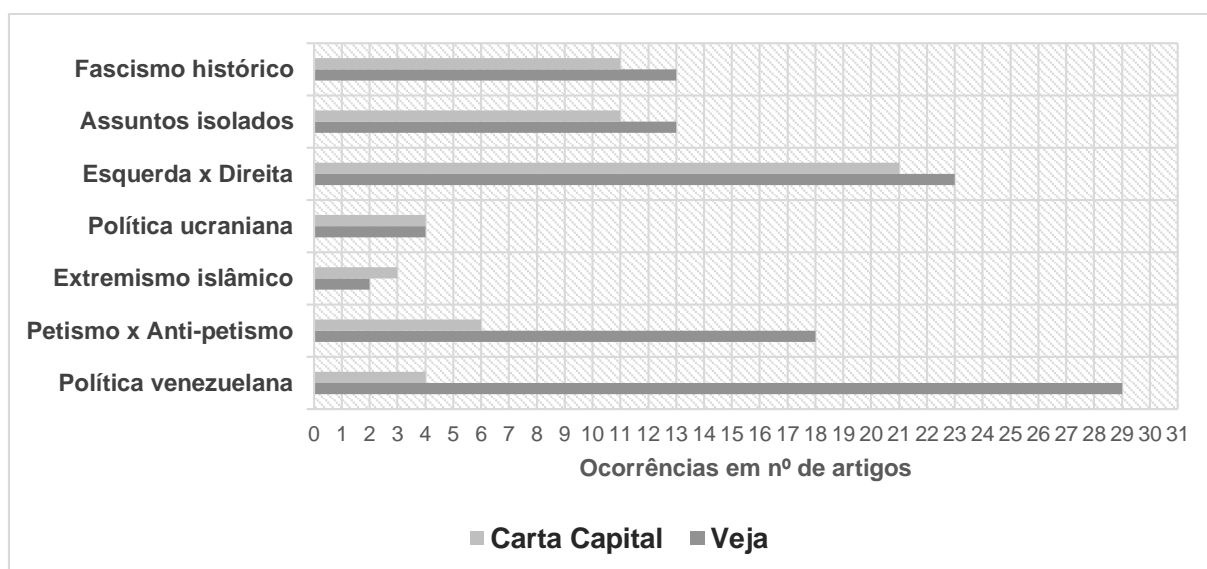
3. SIGNIFICADOS PARA O TERMO “FASCISTA”

Esgotados os outros tópicos estão, posto que já foram esmiuçados não só os tipos recorrentes de uso do termo “fascista”, mas também as perspectivas tomadas por cada um dos portais quanto à conceituação de fascismo, além da questão, há pouco vista, dos autores e seus costumes.

A partir daqui, basta que tenhamos a compreensão geral de quais são as discussões mais frequentes nos dois portais, considerando-se tão somente os alvos do termo “fascista” — obviamente, listei quem ou o que era considerado fascista em cada um dos textos, e isso então permite fazer esse tipo de cálculo, que por sua vez leva ao gráfico abaixo.

3.1. DISCUSSÕES MAIS FREQUENTES COM O TERMO “FASCISTA”

Gráfico 10 – Discussões mais frequentes envolvendo o uso do termo “fascista”



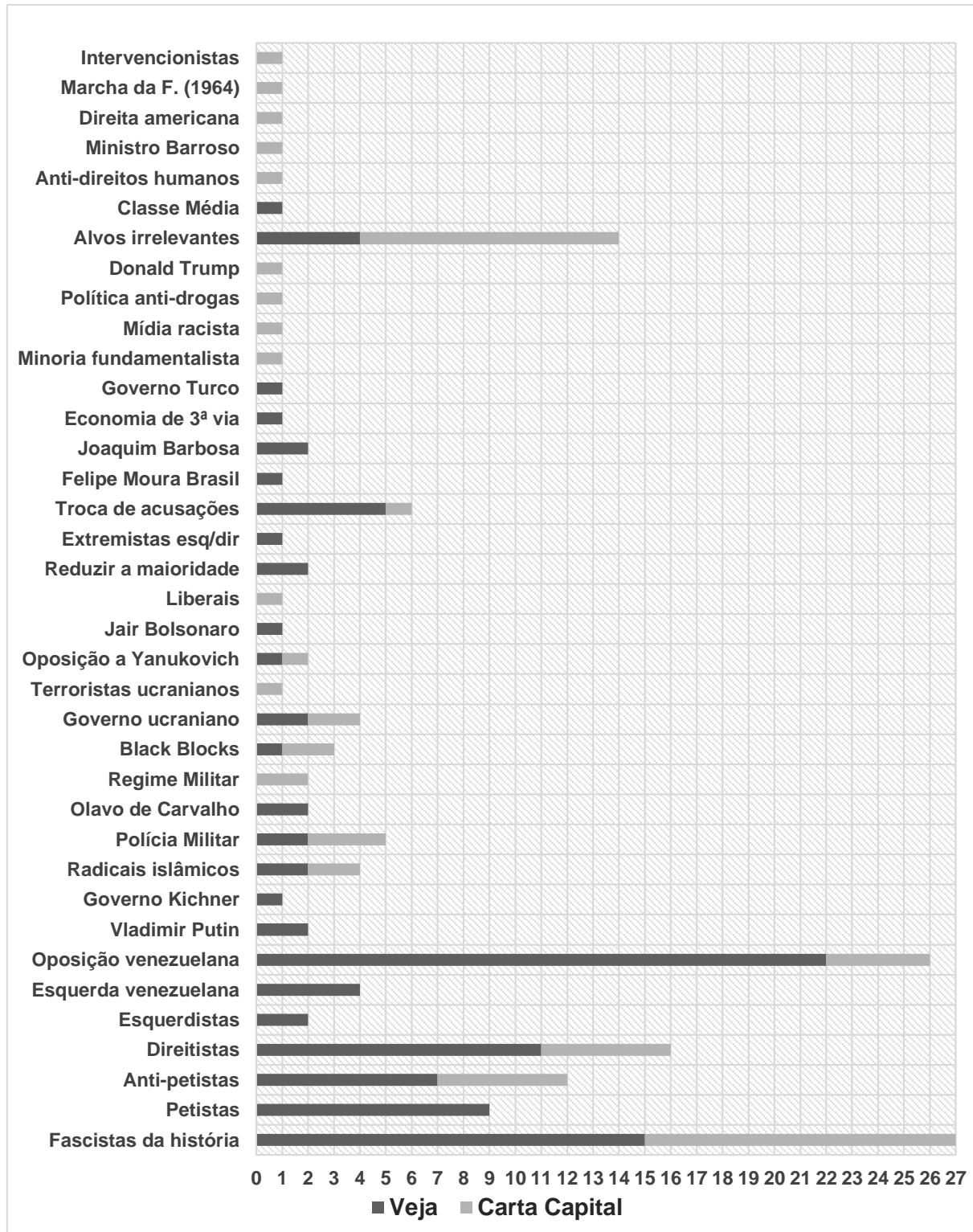
Percebe-se, com simples leitura deste, questões cruciais ao trabalho, como os seguintes fatos: **o debate entre direita e esquerda** tem proporção similar nos dois portais, sendo *a maior das discussões*, no total; *a referência ao fascismo histórico é medianamente recorrente*; *menções ao governo petista são recorrentes em ambos os portais, mas ocorrem 3 vezes mais em Veja*; e *menções à situação da política venezuelana também são recorrentes em ambos os portais, mas ocorrem 7 vezes mais em Veja*.

É preciso salientar novamente que, por Veja ter 42 artigos a mais, há uma tendência para que as categorias todas contenham mais representantes deste portal, apesar de *Carta Capital*, mesmo com essa “desvantagem” do tipo, ter superado Veja nas duas categorias específicas mais importantes para o foco desta monografia — uso cotidiano do termo “fascista” em **acusações como xingamento** e em **acusações comparativas**.

Quanto a essas duas categorias, logo mais as regataremos. Antes, vejamos o panorama geral de quais foram todos os alvos encontrados para os mais variados tipos de uso do termo “fascista” — destaque apenas os relevantes à nossa temática política, deixando os irrelevantes isolados, como de praxe nas análises do tipo desta.

3.1.1. Diversidade entre alvos do termo “fascista”

Gráfico 11 – Alvos recorrentes à atribuição de “fascista”, sem distinções (referência, citação, acusação ou comparação)

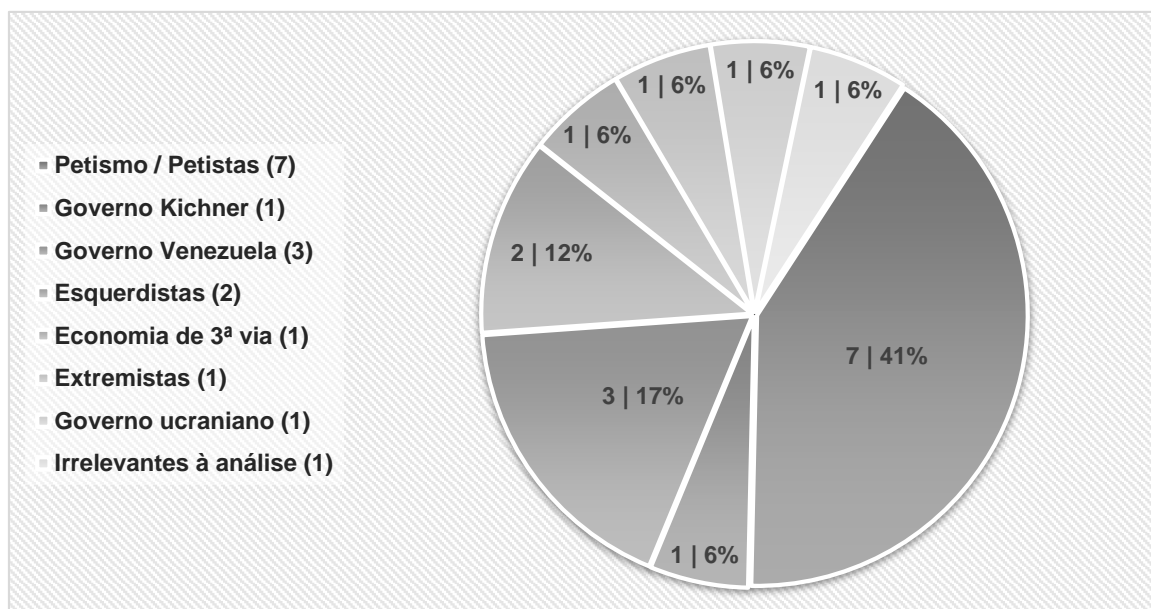


Como visto no gráfico, os alvos mais recorrentes dos mais variados tipos de uso do termo "fascista", em ordem decrescente de ocorrências em número de artigos, são: os **fascistas da história** (27 ocorrências, com 55,56% de Veja); a **oposição venezuelana** (26 ocorrências, 84,62% de Veja); os **direitistas** (16 ocorrências, com 68,75% de Veja); os **alvos irrelevantes** (14 ocorrências, com 71,43% de Carta Capital); os **anti-petistas** (12 ocorrências, com 58,33% de Veja); os **petistas** (9 ocorrências, com todas em Veja); a **polícia militar** (5 ocorrências, com 60% de Carta Capital); a **esquerda venezuelana** (4 ocorrências, com todas em Veja); os **radicais islâmicos** (4 ocorrências, com metade em cada portal); e o **governo ucraniano** (4 ocorrências, com metade em cada portal). Os demais só tiveram uma, duas ou três ocorrências apenas.

É notável que trata-se aqui de um desdobramento das discussões recorrentes, sendo este gráfico um aprofundamento do anterior. Porém, há um óbvio problema ainda com ele, que é o de desconsiderar os tipos de uso “referência” e “citações”, de modo que é preciso então isolar os tipos “acusações” e “comparações” — é chegado o momento de fazê-lo, pondo então fim a este longo trabalho, com os últimos resultados estatísticos desta análise de conteúdo pautada pela tradição dos estudos de jornalismo comparado. (MELO, 1972)

3.1.2. Alvos das acusações de “fascista” em Veja

Para resolver o referido problema, bastou-me isolar os casos das duas últimas categorias — “acusações” e “comparações” — para conseguir identificar perfeitamente os padrões de acusações de “fascista” nos dois portais. O gráfico é por si explicativo.

Gráfico 12 – Recorrências no uso acusativo do termo “fascista” em Veja

Por fim, para a direita, ainda que, em exagero, imputando à esquerda toda a “aura fascista”, desconsiderando, por exemplo, o apoio aos fascistas dado pelos liberais e conservadores à época (PAXTON, 2007), o fascismo...

[...] é uma religião de Estado. Ele presume a unidade orgânica do corpo político e almeja um líder nacional afinado com a vontade do povo. É totalitário no sentido de que vê tudo como político e sustenta que qualquer ação do Estado é justificada quando se trata de alcançar o bem comum. Ele assume responsabilidade por todos os aspectos da vida, inclusive nossa saúde e nosso bem-estar, e busca impor uniformidade de pensamento e ação, seja pela força ou por meio de regulamentações de pensamento e ação, seja força ou por meio de regulamentações e pressão social. Tudo, inclusive a economia e a religião, tem de estar alinhado com seus objetivos. Qualquer identidade rival é parte do “problema” e, portanto, definida como o inimigo. Argumentarei que o liberalismo americano contemporâneo incorpora todos esses aspectos do fascismo. (GOLDBERG, 2009, p. 33)

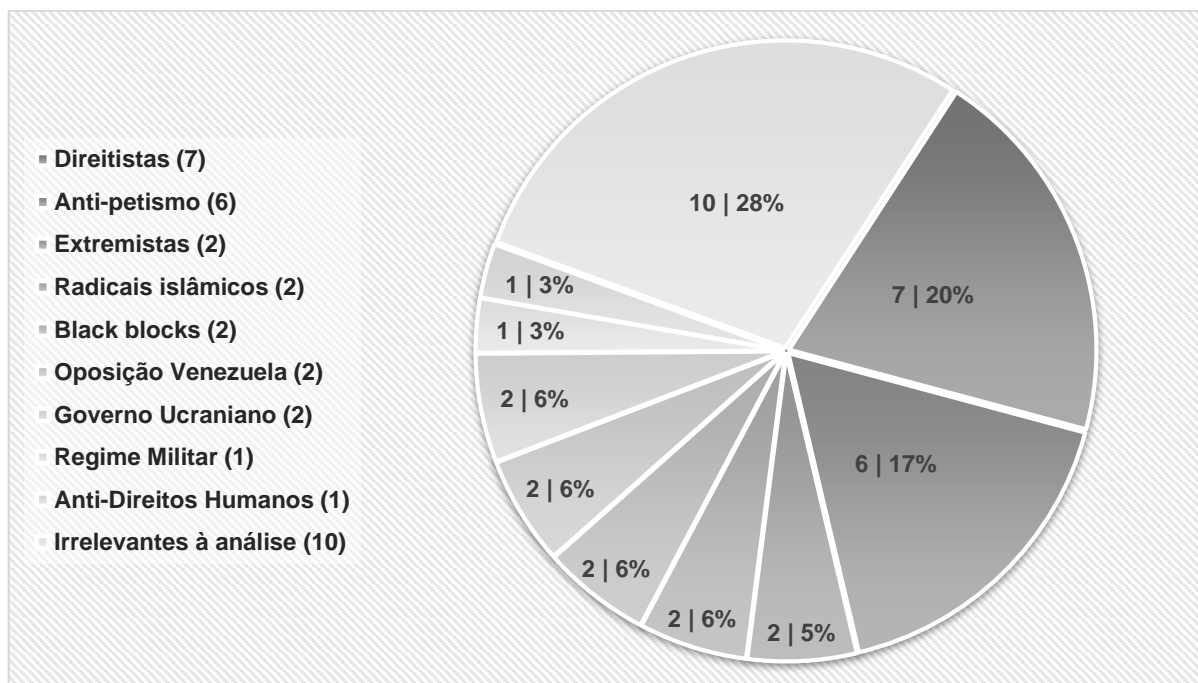
De forma mais neutra, esclarece o outro, enaltecendo não o fascismo em si, mas a sua relevância na história moderna, como *uma quarta corrente da cultura política ocidental, concorrente da direita e da esquerda*:

O fascismo foi a grande inovação política do século XX, e também a origem de boa parte de seus sofrimentos. As demais grandes correntes da cultura política do Ocidente moderno — o conservadorismo, o liberalismo e o socialismo — atingiram forma madura entre fins do século XVIII e meados do século XIX. Na década de 1890, contudo, o fascismo não havia ainda sido imaginado. (PAXTON, 2007, p. 13)

3.1.3. Alvos das acusações de “fascista” em Carta Capital

Para resolver o referido problema, bastou-me isolar os casos das duas últimas categorias — “acusações” e “comparações” — para conseguir identificar perfeitamente os padrões de acusações de “fascista” nos dois portais. O gráfico é por si explicativo.

Gráfico 13 – Recorrências no uso acusativo do termo “fascista” em Carta Capital



E se é da curiosidade do leitor saber o final dessa disputa entre a posição do fascismo no espectro político de esquerda-direita, deixo os fatos falarem, mas não tanto pela voz minha. Não, *o fascismo não está exatamente ao extremo da direita ou ao extremo da esquerda*; aparentemente, não há apenas essas duas possibilidades na política moderna, sendo o fascismo uma terceira posição dentro dele, desconsiderando-se o tal “Diagrama de Nolan” — poderia ser uma “quarta posição” também, se retirarmos do conservadorismo o rótulo de direita:

É difícil situar o fascismo no tão familiar mapa político de direita-esquerda. Será que mesmo os líderes dos primeiros tempos saberiam fazê-lo? Quando Mussolini reuniu seus amigos na Piazza San Sepolcro, em março de 1919, ainda não estava bem claro se pretendia competir com seus antigos companheiros do Partido Socialista Italiano, à esquerda, ou atacá-los frontalmente a partir da direita. Em que ponto do espectro político italiano se encaixaria aquilo que ele, às vezes, ainda chamava de “nacional-sindicalismo”. **Na verdade, o fascismo sempre manteve essa ambigüidade.** (grifo nosso) (PAXTON, 2007, p. 28)

4. CONCLUSÕES

Ao longo deste consideravelmente extenso percurso, todo fundamentado em ciência, em método científico bem conceituado na área da comunicação — jornalismo comparado via análise de conteúdo —, pudemos então constatar inúmeros fatos de caráter estatístico, precisas respostas às indagações que justificaram todo o trabalho.

Não foi tomado como objetivo, no entanto, encontrar respostas sobre a melhor definição generalizante do fenômeno político convencionado como fascismo, apesar de — e justamente por conta de — cada autor ter uma própria definição e não haver consenso no meio acadêmico, e nem sequer ousei evidenciar a qual lado mais pertencem os fascismos históricos, ou até se ele está além disso, vide o que diz Norberto Bobbio, quando conjectura sobre a ideia de uma terceira posição política, seja como “terceiro incluído”, onde refuta-se esquerda e direita, separando-se numa terceira posição real, ou seja como “terceiro exclusivo”, em que promete uma “terceira via”, “como uma superação simultânea de um e de outro, e portanto, como uma simultânea aceitação e supressão deles” (1995, p. 39) — penso que há de se considerar a possibilidade de existir uma terceira posição de fato, não apenas por ser esse o discurso fascista a se levar por consideração, mas também pela dificuldade de se definir e posicionar, no debate do meio acadêmico, os fascismos entre esquerda e direita, ainda que, no mesmo livro, Bobbio, tomado por certos parâmetros, classifique-os como de “extrema-direita” (1995, p. 119).

Percebe-se, mui claramente, também que, como já supunha antes da análise, o termo “fascista” tem sido sempre o outro, o lado oposto, tanto para a direita quanto para a esquerda, pelo fato de que ninguém quer ser taxado como representante desta ideologia, não só pelo o que foi dele resultante na história do século XX, mas em muito porque já nada representa a estes, além de um mero xingamento redutivo, comparável a “intolerante”, “extremista” ou “herege”, que por seu próprio em forma de *reductio ad Hitlerum*, já denota também uma certa intolerância da parte de quem o usa.

E, quando não se parte para essa falácia, o discurso duma direita brasileira, representada em *Veja*, adota a perspectiva do “fascismo como totalitarismo”, pois assim permite-se equivaler comunismo e fascismo, propondo então a solução da liberdade de mercado, dessa específica direita; e o discurso duma esquerda brasileira, representada em *Carta Capital*, adota a perspectiva do “fascismo como ditadura aberta da burguesia”, assim levando a crer que não há nada verdadeiramente de

esquerda no fascismo, mas apenas uma solução do próprio capitalismo para as suas crises cíclicas (BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G., 2003) , como também uma resposta conservadora e de massa à proposta da revolução do proletariado (PAXTON, 2007, p. 28) , por sua vez, verdadeiramente reformista.

Indo além dessa discussão, agora já em relação à estatística em si, a nível de números, podemos, com precisão, inicialmente concluir que, quanto ao total de 162 artigos utilizado, como recorte de 26 meses, os portais de Veja e Carta Capital fazem pouco uso do termo “fascista” em referência aos fascistas e fascismos históricos (menos de $\frac{1}{4}$ do total), quando comparado com o uso cotidiano diverso que fazem do mesmo; que o de Carta Capital foi quem fez maior uso histórico do termo “fascista” (diferença para Veja de 5,59%); que o de Veja foi quem fez maior uso cotidiano do termo “fascista” (diferença para Carta Capital de 5,58%); e que, portanto, o portal de Carta Capital, tomando como referência apenas esse resultado inicial da divisão entre uso histórico e cotidiano, é um pouco mais fiel ao emprego histórico do termo, tendendo a um jornalismo mais “neutro” em decorrência, mais “científico”, em tese.

Já após a subdivisão dos artigos que continham o “uso cotidiano”, em categorias específicas, encontramos mais e mais resultados, ao longo da monografia, a começar pela constatação de que não foram encontradas ocorrências do tipo de uso cotidiano “referências” em Carta Capital, apenas em Veja, sendo quase a metade dos casos em que os autores do portal recorrem ao uso do termo “fascista”. Assim, pôde-se concluir que os esquerdistas ligados a Carta Capital não se sentem recorrentemente xingados de “fascistas” pelos seus adversários políticos, como sentem-se os direitistas ligados a Veja. Permitindo-se também deduzir que, por ventura, esses esquerdistas são assim “xingados” mas não se incomodam, ou que realmente não chega até eles essa acusação de estar o fascismo mais à esquerda que à direita.

Em seguida, vimos como a categoria de artigos com o tipo de uso cotidiano “citações”, representou, dentro do total, uma considerável parte de 21,74%, ou seja, quase $\frac{1}{4}$ dos 138 artigos de uso cotidiano de ambos os portais, pois seus 30 artigos, em que 19 artigos são de Veja e 11 são artigos de Carta Capital, representam 18,52% do total da soma de 162 artigos. E por tratar-se das citações de terceiros, concluí que esta categoria também deve ser contabilizada como “ocorrências imparciais”, por mais que a escolha de citar algo ou não seja de fato do portal e de seus autores. Leva-se então a concluir que o portal de Veja fez mais uso não histórico/terceirizado do termo

“fascista”, comparado ao de Carta Capital, ao longo desses 26 meses. Mas, em relação ao total de artigos de cada um dos portais, Carta Capital fica à frente.

Chegando enfim à categoria mais pertinente ao trabalho, em que o termo “fascista” é usado como se xingamento fosse, em muito com a lógica falaciosa do *reductio ad Hitlerum*, constata-se que, da categoria de “acusações”, vê-se uma acentuada recorrência em ambos os portais, com 41 artigos claramente enquadráveis nesta categoria específica, beirando então 1/3 do total de 138 artigos com o uso cotidiano do termo “fascista”, mais precisamente 29,71%. A partir disso, podemos concluir que o uso do termo “fascista” como xingamento é bem recorrente em ambos os portais, porém bem maior no portal de Carta Capital que no de Veja, já que, desses 41 artigos, só 14 artigos pertenciam ao portal de Veja. Além do mais, a quantidade de artigos desta categoria chega ser o triplo da próxima, “comparações”, onde se acusa de “fascista” com explicações, comparativamente, ao invés dessa, muito mais subjetiva.

Adiante, em relação à categoria específica intitulada “comparações”, viu-se que, com seus 11 casos encontrados, que representam 7,97% dos 138 artigos com uso cotidiano do termo “fascista”, a predominância é do portal de Carta Capital, com 8 artigos, exatos 2/3 da categoria, mais precisamente 72,73%.

Assim, quanto à junção de uso acusatório do termo “fascista”, concluímos, inevitavelmente, que o termo “fascista”, em ambos os portais, ou seja, tanto em certa esquerda quanto em certa direita, tem sido usado como mero xingamento, servindo como recurso para se colocar, nos opositores políticos, o rótulo de “fascista”, assim tentando deslegitima-los, além de que o termo “fascista” tem sido usado também para comparações subjetivas dos comportamentos e ideais dos adversários políticos de quem o usa, com o fascismo histórico, para assim deslegitima-los. Ou seja, resumidamente, “fascista” tornou-se um termo sem muito sentido, xingamento pobre de significado maior para o senso comum das pessoas politizadas, mais certamente do meio jornalístico.

A nível mais geral, conclui-se que os portais de Veja e Carta Capital, hora usam “fascista” para referirem-se ao fascismo histórico ou às falas de terceiros, hora o usam, partindo de um senso comum do meio em que estão, recorrendo às “suas verdades”, para assim acusarem os seus adversários políticos de serem algo que, em partes, também poderiam ser. E, ainda que o portal de Carta Capital se destaque um pouco

mais nesse tipo de uso acusatório, os dois o praticam. Somado a isso, percebemos Veja apresenta alta frequência de referências a essas acusações sofridas da esquerda, em claro incômodo com a acusação. Também foi possível concluir, após apresentadas as perspectivas acadêmicas que tomam cada lado, para justificarem a ideia de que é no “extremo do nosso oposto” o lugar do fascismo, que é factual a tendência do *reductio ad Hitlerum*, pois “fascista”, não poucas vezes, aparece empobrecido de significado, mas de teor ofensivo carregado, a dispor de qualquer um intencionado a desqualificar uma ideia por supostas similaridades, em lugar de refutá-la. Em suma, concluo em alerta que, se “fascista” tornou-se, de fato, xingamento recorrente, é urgente desnudá-lo como ele é, respeitá-lo antes de o julgar, de empobrecer todo o entendimento alheio, como bem lembra o autor de “Fascistas”, Michael Mann: “A ideologia fascista deve ser levada a sério, em seus próprios termos. Não deve ser descartada por absurda, contraditória ou vaga. Hoje em dia, isto é perfeitamente aceito.” (MANN, 2008, p. 13)

Fora os resultados dos tipos de uso, também vimos os seus significados mais recorrentes para um e para outro, assim como aquelas que são as discussões mais frequentes — foram encontradas nos dois portais, com variações de incidência maior e menor em um que em outro —, envolvendo o uso do termo “fascista”, além do fascismo histórico: esquerda versus direita, petismo versus anti-petismo, a política venezuelana, a política ucraniana e o extremismo islâmico.

Todavia, é preciso ir bem mais a fundo que apenas concluir sobre meros resultados estatísticos, posto que este trabalho centrou-se numa análise de conteúdo para tratar de muito mais que um fenômeno isolado como o uso do termo “fascista”. A verdade é que, todo esse trabalho serviu, em última instância, para “abrir os olhos” de todos, principalmente da classe jornalística que venera a liberdade de expressão, quanto à intolerância que está por trás da banalização desse uso do termo “fascista”, considerando-se que o mesmo tomou o peso de servir como *reductio ad absurdum*.

Se a maior parte dos jornalistas luta por um ambiente democrático, de livre expressão de ideias, essa nítida polarização exagerada só prejudicará essa batalha por um debate político sério, por uma esquerda e uma direita que aceitem o contraditório, assim chegando-se a uma síntese das teses e antíteses que se apresentarem, favorecendo o processo democrático da deliberação pública.

Afinal, chamar o outro de “fascista”, quando não precisamente um defensor do fascismo em sua originalidade ou muito próximo de, é o mesmo que dizer-lhe que seus argumentos não são válidos dentro de um debate democrático e/ou científico, portanto nem mesmo discutíveis, já que representariam uma tendência antidemocrática, logo extremista, quiçá irracional. Consideração tola por si mesmo e para o debate acadêmico atual sobre os fascismos e como encontrar uma definição generalizante em que enquadrem todos eles, segundo o professor de Sociologia na Universidade da Califórnia, Michael Mann:

Os líderes fascistas estavam autorizados a fazer praticamente qualquer coisa para tomar o poder, o que podia subverter outros valores fascistas. E no entanto a maioria dos fascistas, líderes e liderados, acreditavam em certas coisas. Não eram pessoas de temperamento estranho, sádicos ou psicopatas, nem meros portadores de um “saco de gatos” de dogmas e *slogans* mal digeridos (ou pelo não mais que qualquer um de nós). O fascismo foi um movimento de ideais elevados, que se mostrou capaz de convencer boa parte de duas gerações de jovens (especialmente nas camadas mais educadas) de que seria capaz de promover uma ordem social mais harmoniosa. (2008, p. 13)

Assim sendo, como vimos e revimos incontáveis vezes, para alguns desses esquerdistas, toda e qualquer direita é fascista no fundo — uma das tendências acadêmicas é de colocar o fascismo como “extrema-direita”, diferenciando-o claramente das correntes de direita democráticas, como o conservadorismo (BOBBIO, 1995, p. 119) —, até mesmo os que têm posição liberais em relação às quais os fascistas lutavam contra; também são fascistas os comportamentos e ideais da esquerda, para alguns desses direitistas, assim levando a crer que qualquer posição à esquerda levará conseqüentemente ao totalitarismo, fazendo-se da esquerda quase que uma “aberração política”.

Diante de factível conclusão, ainda que profunda e complexa, caberá aos jornalistas, tomando consciência disso, mudarem o seu proceder; caso contrário, *terminaremos por um jornalismo cada vez mais enviesado e fechado num universo próprio*, ou, a depender dos rumos do país, teremos a *aniquilação de uma dessas duas tendências, com provável censura instaurada por um governo autoritário de um dos lados, contra posicionamentos oficiais do seu oposto no espectro político*. E lembrem-se da percepção de Bobbio, que diz só poderá haver direita se houver esquerda, e vice-versa (BOBBIO, 1995, p. 43). É algo bem lógico até.

Ademais, exposto como usa-se “fascista” no debate envolta dessa díade esquerda-direita, e também quais são os seus respectivos significados para ambos, abrem-se, por fim, algumas novas possibilidades de pesquisas oportunas a estudiosos igualmente preocupados com a política que nossos jovens fazem no hoje, enquanto militantes duma massa, e principalmente com a política que farão num amanhã não tão distante, como atores políticos principais.

De forma científica, esta monografia serviu como “**puxão de orelha**”. E, apesar de bem restritivo foco, em igual situação estão outras questões similares, pois o problema dá-se por *uma limitação do olhar pelos tapa-olhos das ideologias* que adotaram alguns, como num “*jogo de futebol de caolhos*”. Política não se trata de fazer gols, afirmo, com toda a sobriedade a que me rogo. *Não importa o lado para o qual virarmos, se em frente não estiverem o povo e a “pátria-mãe gentil”*.

A quem retomar este modelo em outro trabalho, sugiro ampliar o corpus ou modifica-lo para outros portais politizados ou centrar-se nos jornais mais “neutros”, ou, quem sabe, até mesmo focar em autor(es) específico(s). A metodologia e categorias aqui desenvolvidas, servirão para uma análise com outros termos de similar problemática — figuras de linguagem, termo em que não se há um consenso sobre o que de fato designam, fazendo com que o seu entendimento varie de acordo com o grupo que o adota contra seus adversários —, como as acusações de se ser “nazista”, “ideológico”, “reacionário”, “retrogrado”, “golpista”, “extremista”, “comunista”, “homofóbico”, “machista”, “sexista”, “misógino”, “preconceituoso”, “opressor”, etc.

Considerando esta contribuição que dei e a sua relevância diante do que tem sido feito e dito a esse respeito, certamente que contribuirei com mais, num futuro indeterminado, a depender de quando possível for, mas *deixo esse caminho aberto a outrem*, pois este é só o começo de algo mais, seja de um estudo das possibilidades e problemáticas de *terceiras posições e teorias políticas*, como talvez de *quartas, quiçá quintas*, se considerarmos o advento do “*eurasianismo*” de Aleksandr Dugin — vejo-o com desconfiança, apesar de me agradar a ideia de “**mundos multipolares**” — e possíveis outros que ainda estejam por vir, prometendo uma nova perspectiva política; seja de *um estudo sério e distanciado da polarização política de nosso país* e suas terríveis consequências, como as já citadas.

Fiquem atentos. Há muita coisa oculta. Há muitas verdades equivocadas. No entanto, quanto à Verdade, só existirá uma. Busquem-na!

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. A nova roupa da direita: Rede de conservadores dos EUA financia jovens latino-americanos para combater governos de esquerda da Venezuela ao Brasil e defender velhas bandeiras com um nova linguagem. **Carta Capital**, [S.l.], 25 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/a-nova-roupa-da-direita-4795.html>>. Acesso em: 28 fev. 2016.
- AMARAL, R. Da crise à Frente Brasil: A frente que será lançada em 5 de setembro defende a democracia, os direitos dos trabalhadores e o desenvolvimento com distribuição de renda. **Carta Capital**, [S.l.], 27 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/da-crise-a-frente-brasil-2448.html>>. Acesso em: 28 fev. 2016.
- AZEVEDO, R. PT faz “camping digital” para organizar guerrilha virtual. Que medinho!!! **Veja**, [S.l.], 19 abr. 2014b. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/pt-faz-camping-digital-para-organizar-guerrilha-virtual-que-medinho/>>. Acesso em: 28 fev. 2016.
- AZEVEDO, R. A TROPA DO PT: eles ameaçam de morte, xingam, provocam, querem bater. Na raiz da delinquência, está o dinheiro público do governo e das estatais. **Veja**, [S.l.], 11 mai. 2014b. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-tropa-do-pt-eles-ameacam-de-morte-xingam-provocam-querem-bater-na-raiz-da-delinquencia-esta-o-dinheiro-publico-do-governo-e-das-estatais/>>. Acesso em: 28 fev. 2016.
- AZEVEDO, R. Campanha de Dilma imita peças das ditaduras militar e do Estado Novo e cria o “Pessimildo”. **Veja**, [S.l.], 16 set. 2014c. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/campanha-de-dilma-imita-pecas-das-ditaduras-militar-e-do-estado-novo-e-cria-o-pessimildo/>>. Acesso em: 28 fev. 2016.
- BRASIL, F. M. Por que o capitalismo funciona – um post com vídeos, transcrições e resumos para você educar de vez os amigos. **Veja**, [S.l.], 13 mar. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/cultura/por-que-o-capitalismo-funciona-um-post-com-videos-transcricoes-e-resumos-para-voce-educar-de-vez-os-amigos/>>. Acesso em: 28 fev. 2016.
- BOBBIO, N. Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO G. **Dicionário de política**. 6ª edição. [S.l.]: Editora Universidade de Brasília, 2003. 1 CD-ROM.
- COSTA, A. L. M. C. Trump desmoraliza a lei de Godwin: Críticos sérios, inclusive dentro da direita Tea Party, começam a argumentar que Trump é fascista. **Carta Capital**, [S.l.], 27 nov. 2015c. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/trump-desmoraliza-a-lei-de-godwin-3166.html>>. Acesso em: 28 fev. 2016.
- ENCONTRO NACIONAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES, 14., 2014, São Paulo. **Resolução sobre tática eleitoral e política de alianças...** São Paulo: Partido dos Trabalhadores (PT), 2014. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2014/05/14-ENPT-RESOLUCAO-TATICA-ELEITOAL-FINAL-1.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2016.

GOLDBERG, J. Fascismo de esquerda: a história secreta do esquerdismo americano. Rio de Janeiro: Record, 2009.

KIENTZ, A. Comunicação de massa: análise de conteúdo. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

KOGAWA, J.; MAZZOLA, R. Discurso e Retórica: sobre o procedimento reductio ad Hitlerum. **REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**, [S.I.], ago. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10951>>. Acesso em: 25 ago. 2016

MANN, M. Fascistas. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MELO, J. M. Estudos de jornalismo comparado. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1972.

NUNES, A. Nem ele aguenta. **Veja**, [S.I.], 7 mar. 2014a. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/sanatorio-geral/nem-ele-aguenta/>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

NUNES, A. Coerência bolivariana. **Veja**, [S.I.], 8 mar. 2014b. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/sanatorio-geral/coerencia-bolivariana/>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

PAXTON, R. O. A anatomia do fascismo. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

TRIBURI, M. O jogo de linguagem fascista: Uma aberração política exprime, com frases feitas e clichês veiculados nas redes sociais, a miséria subjetiva de nossa época. **Carta Capital**, [S.I.], 10 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/882/o-jogo-de-linguagem-fascista>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

O DESEJO anticapitalista de Pasolini: Em polêmica com Italo Calvino, cineasta rejeitava, há 40 anos, era do consumo supérfluo, linguagem e cultura homogêneas. **Carta Capital**, [S.I.], 17 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/o-desejo-anticapitalista-de-pasolini-1028.html>>. Acesso em: 28 fev. 2016.